

ANO III N.º 136  
23  
DE DEZEMBRO  
1943  
E S C. 1 \$ 5 0  
PREÇO AVULSO

Oferta  
10. NOV. 1998

# Qual delas será "a menina da rádio?"

MARIA EMÍLIA DA CRUZ, REGINA CORREIA, NATÉRCIA DUARTE BENA DO CÉO, MILITA MEIRELES ou GINA ESTEVES?



**VIDA  
MUNDIAL**

# ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

# A MINHA CRÓNICA DE NATAL

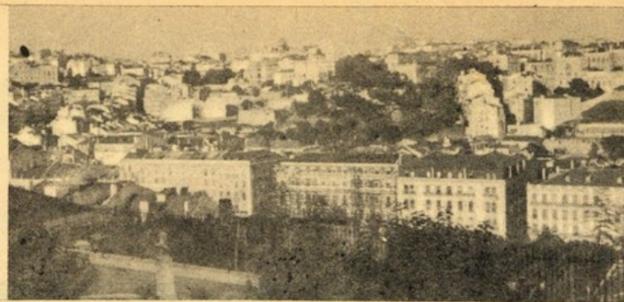
**E**U penso que os leitores esperam encontrar aqui uma crónica de Natal. Pelo menos, é esse o uso e norma desta época. Mas, sinceramente, sinceramente, não sei que escrever sobre tão esgotado assunto. De facto, há vinte séculos que o Natal tem sido aproveitado, de todas as formas e feitios. Todos os poetas o cantaram, os historiadores gastaram a sua sabedoria, os novelistas multiplicaram-no em obras sem fim e até os «cazêzinhos da Avenida» já exaltaram em doutrinas excelsas o alto significado que o Natal possui para eles... Por isso mesmo, eu nada mais tenho para escrever. Limite-me, portanto, a folhear um desses números especiais que saem nesta época. É certo, farei uns ligeiros comentários, de pouca importância — ao menos para que não digam que fiz esta crónica apenas com material alheio, com o material fornecido por Suas Excelências, os génios do Natal...

Por acaso tenho aqui à mão um desses números especiais. Não interessa o ano em que foi publicado. Para quê, se o Natal é igual todos os anos, sempre «a sagrada festa da família», sempre «o amor do semelhante pelo seu semelhante»?... Devo dizer, ante: de mais nada, que o número traz o dôbro das páginas habituais. Isso representa uma simpática homenagem aos seus leitores — e pena é que esse dôbro seja preenchido apenas por grandes e lucrativos anúncios... Logo, na primeira página, há um enorme anjo de asas abertas, segurando nas mãos este título «Poema do bom Natal» — delicioso poema onde um poeta consagrado fala da neve e das crianças, dos sinos e da mista do galo, da ceia do Senhor e da vida dos pobresinhos. Belo poeta, este! Ele sabe compor uns versos cheios de rimas e de sílabas certas, com os acentos tónicos nos seus devidos lugares. Palavra que o poema devia ter-lhe dado bastante trabalho. Assim, até apetece fazer versos e ser poeta — mesmo que se esqueça o frio das crianças, a fome dos pobresinhos, a descrença dos revoltados... Ao lado do poema, vem um longo artigo enaltecendo a festa do lar e afirmando que todo o mundo cristão vive na paz do Senhor... Depois, quasi a seguir, as últimas notícias da guerra. Mais adiante, as afirmações dum estadista já falecido: «Não desistirei da luta, enquanto não estabelecer a concórdia e a união entre todos os povos!» De curioso, ainda nesta página, um desenho humorístico que apresenta uma enorme bicha de almas diante da porta do Céu e um aviso aos especuladores para que voltem ao bom caminho... Na segunda página, continuam as notícias da guerra: «Bombardamentos em massa»... «Três submarinos afundados no mar do Norte»... «O alto comando decide lançar nova ofensiva»... «A guerra só terminará com a extinção do inimigo». Etc., etc. No meio disto tudo, um artigo sobre a superioridade dum certo perfume intitulado «Sonho de Natal». A terceira página vem cheia com publicidade de cinemas e teatros. E, na quarta página, começam os anúncios vulgares. Há ainda, também, algumas notícias, um quarto de coluna limitado a negro, dedicado à morte dum senhor confortado com todos os sacramentos da Igreja e mais a secção da cidade, com assaltos, roubos, objectos perdidos, cenas de pancadaria e raparigas desaparecidas. E verdade, vem igualmente uma pequenina notícia de três linhas lizendo que, no vão duma escada, foi encontrada uma criança morta de frio... As páginas restantes estão repletas de anúncios, desejando boas festas aos frequentes e reclamando bôlos, malas, chapéus, sapatos, fogões, mobílias, restaurantes, casacos de peles, agasalhos de lã... E tudo isso um número extraordinário de qualquer grande periódico! E apenas isto a minha crónica de Natal...

GENTIL MARQUES

# ALMOÇO PARA SEIS...

FOTO SERÓDIO



# Lisboa vista por um francês em 1863

**Q**UANDO os cronistas se deixam levar nas asas da deusa fantasia é um desastre. Por curiosidade, apresentamos hoje aos nossos leitores o que escreveu sobre Lisboa de outra época um escritor francês de nomeada no seu tempo: Charles Mousetet.

Nós já estamos habituados a que estrangeiros, que vêm a nossa cidade, digam de nós e dos nossos costumes as coisas mais imprevisíveis. Mas o melhor é ouvir Charles Mousetet: «Vou, por exemplo, tentar reproduzir a fisionomia animada dum rua de Lisboa. Escolheremos, se o quereis, a rua do Ouro ou a rua da Prata — dois nomes felizes para uma cidade comercial. A rua parte do Tejo e vai até à colina: é longa, é larga, tem passeios, mas é calçada no centro de seixos um tanto angulosos. As casas têm quatro ou cinco andares, espaçados entre si, pela maior parte são coronadas por uma água-furtada cujo teto, formado de telhas dum verde melho vivo, se revira aos cantos, conforme o uso chinês. Sobre o telhado o vento espalha na primavera sementes que a chuva fecunda, desabrochando depois numa suave florescência. Esta vegetação aérea é dum efeito graciosamente imprevisível. Os armazéns — em linguagem portuguesa — ostentam menos galanteria: compõem-se cada um dum pequena loja estreita sempre aberta, aonde se perfila um mercador silencioso e aparentemente indiferente às observações do freguês. Este mercador é inevitavelmente um ourives mas duas ruas que nomeio. Mercadora não vi nenhuma, o que é digno de reparo e singularmente desagradoso. A rua é sulcada por pessoas do campo montadas em mulas, por mulheres do povo de capote escuro com cabeção de veludo, por uma quantidade inumerável de acarretadores de água, trazendo ao ombro um barril listrado de verde e côr de laranja, saltando todos os segundos, numa nota aguda, este grito: *Água!* Dois guardas do paço, de calção curto, casaca escarlate atravessada por um holdridé, a alabarda em riste, caminham junto à parede sem demasiada solididade. Um negro, culpado sem dúvida daíngum malefício, vai escoltado por caporais da polícia, de sobre nu. A esquina dum igreja, um sacristão amarelo e verde, pede para as almas do purgatório. Eis um enterro: o carro mortuário, conduzido por um cocheiro coberto com um portentoso chapéu de general, vai ornado de vinhetas lacrimosas, ciprestes, mausoléus, tibias em cruz. Um garoto não se desvia entretido com um grilo que conduz numa gaiola liliplutiana. — O grilo representa uma das paixões e uma das superstições do povo de Lisboa: vendem-se às centenas nos mercados, todos inquietos, cantando em grandes caixas, entre as folhas de alfaca que lhes servem de alimento. Há gaiolas de um ou dois andares para um ou dois grilos: os operários penduram-nas nas oficinas, ou pregam-nas por cima da porta.

Mas a rua do Ouro, ou a da Prata, não é verdadeiramente a rua original de Lisboa. Em certos bairros aristocráticos e menos frequentados, encontram-se casas revestidas exteriormente de azulejo, com varandas gradeadas; em outros bairros, principalmente na cidade velha, agrupada em volta da catedral, tropeça-se com o estilo árabe em toda a fealdade e selvageria. Ali abundam as vielas hediondas, as escadarias viscosas, os buracos prolongando-se na sombra e na miséria, os farrapos cruéis, conjuntamente com intermináveis bandos de gatos amarelados, magros, sem orelhas. Este lado de Lisboa é muito triste, e como que para lhe completar o aspecto, um incidente lúgubre me esperava na vasta igreja de S. Vicente. Apenas entrei, apontou-me um dos meus com-

panheiros uma banca de pedra à direita. «Repare naquela boneca» — disse-me êle. A boneca era uma criança morta. Parece que as mães pobres têm ainda o costume de expor os filhos mortos, para que sejam enterrados à custa da igreja. Fazem-se todas as diligências para as colibir, mas as tristes chegam com o pequeno cadáver oculto debaixo do capote, espreitam o momento em que tudo está só e fogem depois.

Não demorei mais tempo as atenções neste quadro repugnante. Prefiro dizer ao leitor, em conclusão, que tem um brilhante aspecto de grande capital esta Lisboa, tão pouco conhecida dos turistas, mesmo dos ingleses. Os passeios assombrosos e os jardins, variam o seu carácter monótono; encontram-se até campos cultivados entre dois bairros. Os monumentos são a parte fraca; os estabelecimentos públicos, os teatros, os conventos. Mas o que se pode exigir dum cidade quasi inteiramente reconstruída no fim do século XVIII?

Depois disto, que poderemos nós dizer? Nada. Ou, então, o melhor é admitir que os cronistas portugueses nunca viram Lisboa com olhos de ver...

## UMA ENTREVISTA SENSACIONAL...

# FALEI ONTEM COM O PAI NATAL!

**P**ARECE extraordinário, mas é verdade. «Falei ontem com êle...»

Encontrei-o por acaso. Andava a bisbilhotar as montras do Chiado, à procura dum bugiganga barata para oferecer a uma amiguinha e, de repente, êle «apareceu-me»...

Notei-lhe logo a magreza, as barbas um bocadinho mais compridas e mais brancas e o albornoz dum encarnado já um pouco passado e com um remendo! O Pai Natal remendado, espantou-me. E sem me lembrar de fazer as perguntas que todos fariam: — «Como se encontra aqui?» ou ainda — «Onde está o carrinho e os veadhinhos?...», atirei admirado: — Então não tem vergonha Pai Natal de vir nesse estado cá abaixo?...

Primeiro olhou-me, depois sorriu-se e numa voz rouca um pouco avinhada, respondeu: — que queres, restricções...

Tive vontade de rir. O Pai Natal com restricções, era cómico. E então os presentes?... Pensei, mas não disse nada.

E como êle olhava a vitrine, arrisquei.

— Pai Natal, diga-me o que é que eu hei-de comprar para a Ermelinda...

— Ó f'ho, eu sei lá. Compra qualquer coisa...

Não gostei da familiaridade mas admirei-me.

— O Pai Natal sabe melhor do que eu. Está habituado.

— Queres que te diga a verdade?... — Diga.

— Estou no teu caso para todos... — O quê?

— Sim. Nunca sei o que hei-de trazer-lhes.

— Não percebo.

— Que queres. Às vezes trago um comboio mecânico para um menino que já tem três, outras um par de botas para um côxo, e é tudo assim...

— Mas não lhe escrevem a pedir o que querem?...

— Escrevem, sim, mas eu engano-me. Deve ser velhice... A propósito de cartas, este ano foi uma calamidade. Querem todos carvão! Estás a ver, eu vir carregado de carvão. Chegava todo sujo, e ninguém me reconhecia. Era capaz de me prender por açambarcamento.

— Mas... — Vim cá abaixo por causa mesmo dos pedidos. Ver o que há por aí...

— Aconselhe-me qualquer coisa para a Ermelinda, Pai Natal!

Êle olhou de novo para a vitrine e apontou: — Olha, aquêlle casaco de peles fazia-lhe arranjo...

— Casaco de peles?... — Sim é do que as mulheres gostam mais...

— Mas Pai Natal, a Ermelinda tem 3 anos!

— O quê?... Então não é a Ermelinda que namorava o padeiro da esquina, a ramelosa, que anda sempre a embirrar por que vens tarde para casa?...

— Não! — disse mal humorado — é a filha do meu amigo Antunes!

— A Ermelinda do Antunes?...

— Comeci a desconfiar do Pai Natal.

— Mas o senhor é mesmo o Pai Natal?...

— Então não vês que sou? E desentolto tirou um bilhete de identidade de um dos bolsos do albornoz e mos-

# ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Existe uma portaria camarária impedindo que se fume nos carros eléctricos durante certos meses. Pois bem: durante todo o trajecto até minha casa, fui sentada junto de um cavalheiro que se entretinha a encher o carro com o fumo do seu grosso charuto. Tão incomodada eu ia que, delicadamente, peço ao cavalheiro para que deixe de fumar. Mas o cavalheiro, encrespando-se, deu-me torta resposta e continuou a imitar uma chaminé de fábrica em plena laboração. Fumo. Nuvens de fumo. Eu torcia. Então, tornei a pedir, delicadamente também: «Será tão amável que cumpra o regulamento?». Resposta torta, incorrecta. Chamei o condutor, certa de que êle viria pôr tudo em ordem. Puro engano. O condutor limitou-se a dizer que «era proibido fumar», e voltou, muito pacatamente, para a plataforma. O cavalheiro, nada. Era cada lufada de fumo! Aborrecida com tanta indelicadeza, tornei a pedir ao senhor-chaminé que deixasse de fumar. Vieram palavras agressivas, insolentes. Discutia, voz altercada,

chamando-me criança mal criada, etc., etc. Torno a chamar o condutor. E, pasmo dos pasmos!, o exemplar funcionário tem apenas esta exclamação: «Se não se calam, mando descer os dois!». Resta-me dizer, para desabafo, que o condutor tem o n.º 1584, e que isto se passou no dia 11, no carro n.º 704, chapa 17-18.

J. M. D. — Rua Alto da Ajuda, 40.

Eça e Ramalho publicaram as suas «Farpas» em pequenos fascículos sem indicação de autoria de cada artigo (é a hoje raríssima 1.ª edição). Mais tarde, Ramalho refundiu a obra, agrupou os seus artigos, não cronologicamente, mas por assuntos; alterou, suprimiu — como julgou melhor. (É a 2.ª edição, também rara). Foi decisão talvez discutível, mas, em todo o caso, foi alteração feita pelo próprio autor. Alguém chamou a essa 2.ª edição uma «falsificação» feita pelo próprio autor — palavras estas exageradas porventura.

Eça — a pedido de Ramalho — publicou em 2 volumes as suas «Farpas» com o título «Uma Campanha Alegre» — «Das Farpas». Morreu sem acabar de rever o 2.º volume.

É esta a 2.ª edição da parte de Eça de Queiroz em «As Farpas». Há poucos anos os proprietários da obra de Eça publicavam 3.ª edição de «Uma Campanha Alegre...» com supressão de alguns capítulos.

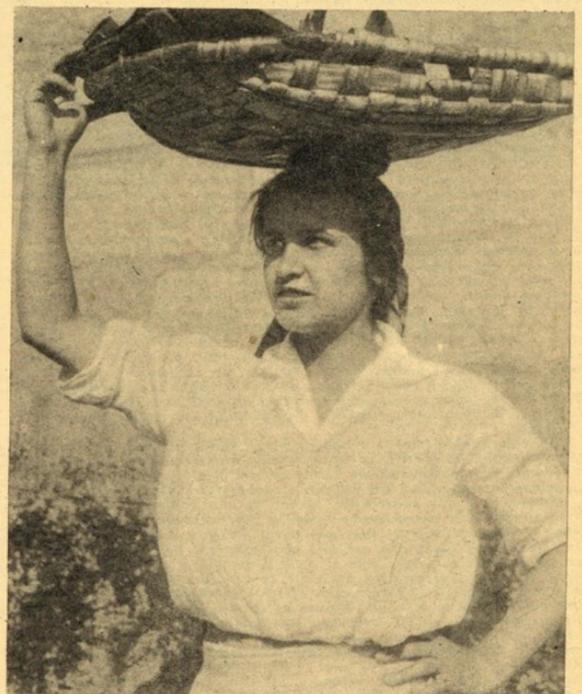
Que direitos se arrogam os editores para mutilarem a obra?

Quem não conseguiu ler a 1.ª edição (raríssima), quem não possuiu a 2.ª edição (difícil de encontrar), fica privado de conhecer esses capítulos faldados pelo estranho etudex». Pior; nem chega a saber que Eça os escreveu.

Que mal fariam aos editores as «Melas da Senhora Condessa de Tebas»?

BALTASAR SANTOS — Rossio ao Sul do Tejo.

# VIVA DA COSTA!



Pés nus, tornozelos bem feitos, ancas a balouçarem ao péso da carga, vozes que cantam pregões frescos e vibrantes. São as nossas varinas que passam.

Mãos ao alto da canastra, braços sólidos e sempre na ponta da lingua um dito que faz rir e que não perdoa. São as nossas varinas que passam.

Lá vêm elas: Vivinha da costal... Pescada do alto!... Cachucho fresco!... Traço alegre das manhãs da nossa cidade: São elas, as nossas varinas que passam!...

(Fotos João Martins)

## A fortaleza cercada

FUNDAMENTALMENTE, a Europa é o grande teatro de operações. É natural que os americanos ou os japoneses não estejam em absoluto de acordo com este resumo, mas é fora de dúvida que um desfecho abreviado na luta que se trava em torno do continente europeu seria de consequências muito mais decisivas sobre o curso geral da guerra do que se se registasse acto final no Pacífico. Isto é apenas, por outras palavras, o que já foi enunciado nesta síntese: a derrota da Alemanha poderá arrastar a derrota do Japão, muito mais do que a derrota do Japão provocaria a da Alemanha. Não admira, por isso, que no nosso continente assumam lugar principal, quando se comenta e tenta interpretar a marcha da guerra, quantas hipóteses possam erguer-se sobre o curso futuro das operações na periferia europeia. O longo debate travado sobre a necessidade e a viabilidade da segunda frente implícita, desde logo, a ideia de que se considera primeira frente europeia a que se estende ao longo da linha oscilante do Mar Branco ao Mar Negro. Quando os ingleses puseram pé no continente italiano, Churchill anunciou que se tinha constituído a terceira frente. O número 2 das frentes europeias continuava, pois, de reserva, evidentemente para quando for possível as tropas estacionadas na Grã-Bretanha atravessarem o canal e assaltar a costa francesa. Os preparativos intensíssimos nos Balcans, com operações no Dodecaneso, acções já perfeitamente organizadas na Jugoslávia, a chegada constantemente assinada de reforços alemães a Salónica, o anúncio de aperfeiçoamentos nas fortificações da Grécia, o que se tem considerado em relação à Turquia e os bombardeamentos de Bucareste e Sofia, acompanhando a pressão psicológica que se exerce sobre as pequenas potências, do leste europeu actualmente incluídas na órbita de Berlim, tudo isso tem de se registar como indícios eventuais de que o clássico teatro de guerra balcânico pode, dentro de algum tempo, vir a ser rubricado como constituindo a quarta frente. Ao mesmo tempo que, embora lentamente, progredem na Itália, ingleses e americanos podem lançar, partindo da Sardenha e da Córsega, um ataque em força à costa francesa do Mediterrâneo. Ao mesmo tempo, de fonte alemã, faz-se saber que o marechal Rommel inspeciona as novas fortificações da costa norte europeia, da Jutlândia ao extremo setentrional da Noruega.

É fora de dúvida que, se a Europa é o campo onde se há-de travar a batalha principal da guerra, as concentrações militares que os Aliados vão sucessivamente armazenando em torno do continente poderão muito bem ser empenhadas em acções simultâneas e convergentes para o assalto final, em condições tais que o defensor, apesar da sua vantagem de dispor de linhas interiores de comunicação — com a possibilidade de desviar rapidamente reforços para onde quer que a sua presença mais insistentemente fosse solicitada — talvez não contasse com efectivos bastantes para guarnecer amplamente e resistir com eficácia à gigantesca acometida. Evidentemente, já hoje, a expectativa constante de um eventual ataque obriga a uma grande dispersão de forças, mas simples garnições de vigilância não podem comparar-se com o que seriam as massas de homens a empenhar desde que uma acção de tal natureza e envergadura fosse desencadeada.

Pode ser, realmente, que tudo isto seja apenas do domínio da guerra de nervos — actualmente em plena fase de contra-ofensiva, réplica à que os Aliados sofreram até há três anos — mas o fecho das duas conferências do Cairo e da de Teherão foi marcado nos comunicados e, principalmente, nas declarações produzidas pelos dirigentes que nelas participaram, como ponto de partida para grandes empreendimentos. Eden, no relato que fez nos Comuns, na manhã de 14 de Dezembro, falava de tremendas batalhas que já então estariam iminentes.

Silenciosamente, ao mesmo tempo que se desenvolve a luta sem tréguas contra os submarinos, eliminando, gradualmente, na medida do possível, o risco para a navegação, os Aliados fazem afundar, às bases de que dispõem em torno da Europa, milhares e milhares — alguns milhões — de homens que esperam a sua vez. Estão na Grã-Bretanha e na Irlanda, na África do Norte, na Sicília, na Sardenha e na Córsega, no Egipto, na Palestina, na Síria e no Líbano, no Iraque e na Índia, que é a charneira de ligação com a frente russa. O anel estreita-se, aproxima-se. Chegarão realmente a desencadear-se as batalhas iminentes de que falava Eden? Ou a simples presença e exibição de forças poderá revelar-se bastante para que não chegue a mostrar-se necessário o seu emprego?

A dúvida poderá prolongar-se por mais dois ou três meses. A clássica Primavera de tempo de guerra falará talvez definitivamente.

J. R. S.

## PERSIA

### A CONFERÊNCIA DE TEHERÃO

CERTAMENTE, todos repararam que, desta vez, tudo se passou de maneira diferente: nem tantos discursos nem comunicados tão pomposos sobre a Conferência de Teherão — o que é, de facto, contrário à política que até aqui fora seguida pelas potências aliadas, após as conferências de Washington, Casablanca e Quebec.

Magnitude de decisões que exigem maior prudência? Influência política dos novos elementos que tomaram

parte na reunião, habitualmente observantes das melhores normas de silêncio?

Seja como for — uma coisa foi assinalada: identidade de pontos de vista e que bem compensam o incómodo de uma viagem de 27.400 quilómetros, vencidos através dos mares e do espaço. O mapa junto mostra-nos o percurso realizado pelas três primeiras figuras da conferência — Churchill, Estaline e Roosevelt — reunidos em Teherão.

## INGLATERRA

### A DUQUESA OPERÁRIA

TÓDAS as mulheres dão o seu esforço para a vitória. Esta duquesa é operária e usa o título de Norfolk. Casada com o duque de Norfolk, marechal de Inglaterra, esta linda mulher de 27 anos e mãe de três filhos, trabalha 4 horas por dia nos estaleiros ingleses como operária. Seu marido é o sub-secretário da Agricultura.



## ÁFRICA

### Um equívoco entre as senhoras de Mutsamudu

ISTO passou-se na pequena ilha de Joana, entre Madagascar e o continente africano, e vem relatado numa revista alemã, por um marinheiro que era amador fotográfico. O barco em que seguia sofreu avarias e teve de lançar ferro na baía de Mutsamudu, por um alvorecer verdadeiramente triunfal. Por umas horas, alguns dos rapazes de bordo puderam descer a terra e gozar um «intermezzo» inesperado. Os indígenas, naturalmente, ficaram admirados com a aparição do furioso amador fotográfico — mas este, pelos modos, não o ficou menos, por causa das mulheres nativas, metidas nos vestidos multicolorados, em passeio por uma grande praça do lugar. Mal o fotógrafo se aproximava, de máquina em punho, desatavam a fugir e a gritar, voltando-lhe as costas e encafiando-se nas casas e palhotas. É claro que isto intrigava o alemão. Que diabo, não veria uma mulher de frente?

Enfim, uma foi «apanhada!» Mas era tão horrível, tinha de tal modo a cara coberta de terra amarela, para a proteger do sol — que o homem mal teve coragem para a

fotografar, enquanto ela, precipitadamente, espapaçava no rosto uma tigela de arroz...

O fotógrafo, entretanto, não desistiu. Já pressentira a existência de outras caras mais bonitas e menos sujas. Entretanto, o pânico continuava: mal vislumbravam o «Kodak» deitavam os lenços pela cabeça e fugiam.

Por fim, lá conseguiu fotografar uma rapariguita jovem e engraçada que, cãndidamente, se prestou ao sacrifício. Em troca, o fotógrafo deu-lhe uma moeda — mas, então, foi o bonito: todas elas se prontificavam já ao sacrifício, sorrindo misteriosamente para a objectiva, não obstante o «segredo». Este «segredo» foi depois revelado ao fotógrafo, no momento de embarcar: na ilha Joana existe uma lei verbal, determinando que o homem que possua um retrato de mulher tem sobre ela direitos absolutos!...

A causa do pânico das senhoras de Mutsamudu era, afinal, muito simples: julgavam que o marinheiro tinha descido a terra para abastecer o seu harém!...





Mulheres de diferentes nacionalidades estão a fazer osciladoras de cristal para fins de guerra.

Duas irmãs, refugiadas alemãs, vindas da Bélgica e de Inglaterra, cortam pequenos diamantes.

Aprendizes no comércio de diamantes estudam as pedras de quartzo antes de as cortarem.

## AMÉRICA

# As raparigas aprendem a talhar diamantes!

O comércio dos diamantes, tão antigo em Amsterdão — eram os judeus que principalmente o impulsionavam — sofreu, claro, com esta guerra, uma total desorganização. No entanto, o mundo não pode passar sem essa indústria, que pertence tanto ao tempo de paz como ao tempo de guerra. Por isso os Estados Unidos estão a lançar mão de todos os elementos para impulsionar a indústria e o comércio de diamantes. Num serra — eus de Nova York, raparigas de várias nacionalidades estão a aprender a talhar diamantes. Elas, de resto, não executam só trabalhos de corte e polimento das

pedras preciosas: trabalham e expõem os diamantes à precisão das ferramentas que brocam os furos dos canhões e as cambotas dos «Jups», usados nos equipamentos dos paraquedistas, de «bombrights», de telefones de campanha, de cabos para rebocagem de navios, de «tanks» gigantes — e outros destinos reclamados pela guerra.

Para tão grande indústria foi, naturalmente, necessário montar uma escola de treino que um holandês — G. Van Alten — está a dirigir e que tece os maiores elogios às suas discípulas.

Na Holanda, existiam 40.000 corta-

doras de diamantes. Hoje, a América, aproxima-se desse número.

Em seis meses, essas raparigas, que ao princípio eram apenas 245 em todo o país, habilitaram-se a ganhar 40 a 50 dólares por semana — qualquer coisa como um conto e quinhentos da nossa moeda...

Os holandeses, ao lado dos americanos — das raparigas que hoje talham pedras muitas são refugiadas — estão, assim, a reorganizar quanto perderam na Europa. E, das pesquisas que estão a realizar-se, novas aplicações surgirão para o diamante.

Entretanto, a mais recente aplicação dos diamantes está em cortar quartzos

com absoluta precisão. Destes pedaços de cristais obtêm-se cristais utilizados nos aparelhos de ondas curtas, montados nos «tanks», nos aviões de combate e em outros instrumentos bélicos. Para se cortarem os diamantes, usam-se pequenas serras untadas com uma mistura de azeite e pó de diamantes. Naturalmente, que há ainda outras particularidades de trabalho do quartzo — mas, essas constituem segredo dos joalheiros de Amsterdão, cautelosamente revelados aos americanos. E, com esses segredos não temos nós nada que ver...

## YUGOSLÁVIA

# AS RAZÕES DAS DIVERGÊNCIAS ENTRE OS DOIS CHEFES YUGOSLAVOS TITO OU MIHAILOVITCH?

É um facto, assás sintomático, os atritos e divergências surgidos no decurso dos últimos doze meses entre a Grã-Bretanha e dois dos seus mais fiéis aliados que, nem sequer nos momentos sombrios desta guerra, jamais a abandonaram. Referimo-nos à França de De Gaulle e à Yugoslávia de Mihailovitch. A continuação da luta comandada por Mihailovitch, depois da completa conquista dos Balcanos pelos alemães, não foi, de certo, acto menos corajoso do que o de De Gaulle, ao proclamar o prosseguimento da guerra, depois de Dunquerque. Apesar disso, manifestou-se certa tendência entre os Aliados para substituírem De Gaulle por Giraud, depois do desembarque na África do Norte, pela simples razão de Giraud dispor de 300.000 soldados, e de De Gaulle apenas duns 60.000.

Caso idêntico está a repetir-se, actualmente, na Yugoslávia: Richard Law declarou, em 8 do corrente, na Câmara dos Comuns, que a Inglaterra dispensava maior apoio às forças de Tito do que às de Mihailovitch, porque o exército daquele era mais forte e oferecia maior resistência aos alemães.

Esses dois casos, evidentemente, não bastam para acusar a política aliada de oportunismo, e de afirmar que ela tenta atrair pela borda fora os seus velhos partidários, à medida que novos e mais fortes aliados se lhe proporcionam; servem apenas para ilustrar que a política aliada se inclina para uma adaptação às realidades à medida que o fim da guerra se vai aproximando.

O marechal Tito é um produto combinado da actual situação caótica na Yugoslávia e da influência de Moscovo. O seu «Exército de Libertação Nacional» é de fundação e inspiração recentes. Tudo quanto sabemos a seu respeito é que nasceu a 8 de Março de 1892, na aldeia croata de Kumonac, recebendo na pia baptismal o

nome de Josip Broz. Toma a profissão de operário metalúrgico, e filia-se no partido comunista, tendo tido sucessivos conflitos com as autoridades yugoslavas, o que lhe vale ser registado, em 1928, no cadastro da polícia de Zagreb, sob o número de 10.434. Fêz rápida carreira no partido, sendo eleito, num congresso secreto, em 1934, membro da comissão central. Em Janeiro de 1937, encontramo-lo em Paris, depois de passar por Viena e Praga. Toma parte na guerra de Espanha e regressa, em fins de 1938, à Yugoslávia, adoptando o pseudónimo

de Josip Tomaneck, engenheiro checo. Reorganiza, então, o movimento clandestino comunista. Eis o que sabemos de positivo acerca da biografia do camarada Josip Broz, aliás Tito. A propaganda alemã e croata pretende, com efeito, atribuir-lhe a autoria de vários roubos e outros crimes, mas é melhor a gente não se fiar em intrigas...

O actual antagonismo entre Tito e Mihailovitch pode resumir-se em duas palavras: Tito é croata e comunista, Mihailovitch é sérvio e monárquico.



fotografia de Josip Broz, o actual marechal Tito, tirada, em 1928, para o ficheiro da polícia de Zagreb

A história desse antagonismo é a tragédia de duas tribus eslavas de tradições diferentes, que viveram durante 25 anos num Estado comum, sem chegarem a um entendimento mútuo e duradouro.

Quando os povos sudeslavos se reuniram em 1918 no «Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos», ninguém ignorava as dificuldades da reconstrução para além da primeira tempestade de entusiasmo. Todos concordavam, no entanto, em que os três povos gozariam de plena igualdade política, numa base confederativa. E não podia deixar de ser assim, em virtude da diferença das suas tradições.

Até aos princípios do século XIX, os sérvios haviam permanecido sob a opressão otomana. A sua ascensão à qualidade de nação independente realizou-se sob o signo dos ideais da Revolução Francesa, orientando-se, todavia, pelo programa pan-slavista da Rússia, que os sérvios consideravam sua natural protectora e seu exemplo.

Os croatas e eslovenos, pelo contrário, atravessaram muitos séculos da história incorporados no Império Habsburguês. A sua religião é católica, ao contrário dos sérvios que são greco-ortodoxos.

A história da Sérvia e Yugoslávia no século XX é a epopeia de Nicolau Pachitch. Porém, esse grande estadista foi, sobretudo, um patriota sérvio e o ideal que o inspirava era o Estado nacional centralizado, segundo o modelo francês.

Não se conseguiu pôr em prática o programa federativo de 1918, pelo qual pugnava o partido camponês croata, sob a chefia eficaz de Estévo Raditch, no parlamento de Belgrado. A primeira fase da evolução da Yugoslávia é caracterizada pela luta entre estes dois grandes chefes de sérvios e croatas. Pachitch morreu em 1925. Raditch foi assassinado e

» (Continua na pág. 28)

## BASTA DE IMPROVIZAÇÕES!

**H**A coisas que não se acreditam! Dentro de breves dias, vão iniciar-se as filmagens duma nova película portuguesa. Ao que se diz, o seu realizador — pessoa que, até aqui, não teve o menor contacto com os estúdios — foi o autor do argumento, do diálogo e da planificação.

Quere dizer: voltamos outra vez para trás. Recuamos aos tempos longínquos da aventura e da improvisação. Desprezamos as lições do passado para reincidir novamente nos erros que foram responsáveis por alguns dos desastres mais calamitosos da indústria nacional.

O cinema português fez uma longa e custosa aprendizagem antes de atingir o nível de «Fátima, terra de Fés, de e) Costa do Castelo» e de «O Amor de Perdição». Pagou a sua inexperiência por bom preço. Conseguiu o adiantamento dos técnicos, lenta e progressivamente, de filme para filme, com resultados cada vez melhores. Ultimamente, parecia haver-se entrado no bom caminho. A selecção dos técnicos e colaboradores, os conhecimentos adquiridos através de sucessivas experiências constituíram um capital capaz de render bom juízo. Os três filmes a que aludimos assentaram sob bases seguras sob tal aspecto. E o resultado foi o que não podia deixar de ser — um sintoma animador de progresso da nossa indústria.

Quando, ao fim de dez anos penosos, atingimos tal meta — era de supor que a improvisação e a aventura fizessem sido rejeitadas para as trevas do passado. E tudo parecia indicar que agora se caminharia com segurança, embora com a prudência e a atenção que a indústria impõe como necessidades prementes.

Afinal, regressámos ao amadorismo. Tornamos a ver o produtor, simultaneamente, como autor, realizador e planificador. Assistimos, novamente, ao espectáculo da inconsciência e da incompetência. E isto afigura-se-nos tanto mais grave quanto é certo que a indústria portuguesa não suporta um sucesso sem grave risco do capital comprometido — e que um desaire se reflecte irremediavelmente no prestígio da própria indústria.

Não podemos ficar toda a vida limitados aos realizadores existentes. O próprio cinema necessita de sangue novo. Não acreditamos em auto-didactas — e a complexidade da indústria exige um mínimo de conhecimentos que se não compadece com a boa vontade e as boas intenções dos seus cultores.

Pode alegar-se que Leitão de Barros, Brum do Canto, Artur Duarte e Lopes Ribeiro, quando realizaram o seu primeiro filme, estavam em idênticas situações. À primeira vista assim parece. Mas, na realidade, tal não aconteceu. Em primeiro lugar, todos eles tinham uma «formação» cinematográfica completa. Além disso, Leitão de Barros e Lopes Ribeiro ensaiaram as suas possibilidades em documentários, no tempo do mudo, que «simplificava» tudo... Brum do Canto, autor da «Canção da Terra», realizou dois filmes que teve a coragem de não revelar ao público. Dirigiu documentários e foi assistente de Leitão de Barros nas «Pupilas». Artur Duarte fez toda uma carreira nos grandes centros europeus.

Mas mesmo que assim não succedesse, o caso dêles era diferente. Porque, como pioneiros que foram do fonocinema português, cabia-lhes desbravar o caminho e suprir, com toda a classe de improvisações, a insuficiência manifesta da nascente indústria nacional no capítulo de técnicos e colaboradores.

Poderá alegar-se, por outro lado, que lá fora também aparecem capitalistas a tentar a sorte no cinema, simultaneamente como autores e realizadores. Mas, se bem que o caso não seja corrente, admitimos que os insucessos se multipliquem por outras tantas experiências nesse género. Mas tal facto não conta em países que produzem dezenas ou centenas de filmes à roda do ano.

Agora, entre nós, onde cada filme nacional se anuncia como o festivo repicar dos sinos e onde o público veste «smoking» para comemorar o acontecimento — um insucesso mais, semelhante a outros originados por idênticos erros, teria desastrosas repercussões na vida cinematográfica nacional.

É esse o perigo que denunciamos. Que meditem, sobre ête, aqueles que têm a audácia de tomar para si títulos que legitimamente não podem usar — e que metem ombros a encargos que, a despeito de toda a boa vontade, não estão sequer dentro das suas mais longínquas possibilidades...

FERNANDO FRAGOSO



### Este é o homem que criou o "Pica-Pau"

**L**ISBOA já viu muitos filmes do «Pica-Pau», êmulos do Pato Donald, barulhento e resingão. Há até quem os julgue primos coirmãos, pois os traços fisionómicos assemelham-se. Mas os que assim pensam são más línguas profissionais... O «Pica-Pau» tem a sua personalidade e os filmes em que intervem primam pelas centelhas da fantasia e da imaginação.

Lisboa conhecia o «Pica-Pau» mas, até hoje, nunca havia visto o homem que lhe deu cor e lhe deu forma. Aqui o têm. Chama-se Walter Lantz — e parece verdadeiramente orgulhoso, perante o retrato do seu filho mais novo...



### RAPARIGAS DE UNIFORME

**U**MA das características mais flagrantes desta guerra é a da mobilização feminina. Os homens não bastam para alimentar a voragem. As erapari-gas de uniformes trabalham em destacamentos auxiliares, estão nas linhas de fogo, junto dos hospitais de sangue, lutam e sofrem silenciosamente.

Esta fotografia mostra-nos Lilly Palmer e Joyce Howard em «Unidas Veneremos» (The Gentle Sex), o derradeiro filme que Leslie Howard realizou, e que é um hino à coragem, à abnegação da mulher inglesa, factor dominante e decisivo na desesperada resistência britânica, sobretudo nos negros dias que sucederam a Dunquerque.

## 35 anos da Vida Nacional

As figuras e os factos, dos últimos anos da Monarquia até aos nossos dias — estão documentados na cinematografia da COMPANHIA PORTUGUESA DE FILMES.

**A** Companhia Portuguesa de Filmes (ex-Tobis Portuguesa) possui hoje o mais importante arquivo de documentários nacionais, existente em Portugal. Adquiriu-o há anos, depois de ter realizado, com alguns deles, o filme cultural «A Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul», que evoca a proeza de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Salvou, deste modo, algumas dezenas de documentários, que evocam figuras e episódios da vida nacional, e que revivem eras distantes, desde os últimos anos da monarquia até às realizações do Estado Novo.

Quasi todas as actualidades portuguesas, obtidas no decurso dos últimos 35 anos, foram erminosamente destruídas, vendidas a péso, negativos e positivos, para experiências de extintores de incêndios ou para fins de recuperação industrial. No entanto, a Companhia Portuguesa de Filmes guarda ciosamente tudo quanto pôde salvar — documentos únicos e de excepcional interesse.

Assim, além das imagens de D. Manuel passando revista à guarda de honra por ocasião da última parada militar da monarquia, figuram na cinematografia da Tobis os documentários das Festas do 4.º aniversário da República; da Monarquia do Norte; da proclamação de Sidónio Pais, este recebido há anos, no S. Luís Cine; etc. Há reportagens das manobras de Tancos, realizadas antes da participação de Portugal na Grande Guerra; do Corpo Expedicionário Português, em França e Inglaterra; das visitas de Chefes de Estado Estrangeiros ao nosso País, etc., etc.

O vó de Gago Coutinho e Sacadura Cabral constitui o tema de vários róis de filme, tomados nas diversas cidades brasileiras que foram escala da sua viagem triunfal.

Desde a sua fundação até os nossos dias, a companhia Portuguesa de Filmes tomou a peito, por sua iniciativa e a seu cargo, registar no celuloide os momentos culminantes do Estado Novo e as suas realizações capitais.

Ainda há dias, no estúdio da ex-Tobis, no decurso de uma projecção, Suas Ex.ªs o Ministro das Finanças e o Sub-Secretário das Obras-Públicas assistiram à passagem do único documentário documental sonoro, com som sincrono, que revive a figura do Engenheiro Duarte Pacheco, o falecido ministro das Obras Públicas.

Lá fora, êstes documentários que interessam a vida das nações, são objecto dos maiores cuidados. Tratados por métodos químicos que os restauram os estragos do tempo, re-produzem-se em várias cópias, que se guardam em locais diferentes, protegidos contra todos os acidentes. Em Portugal existem ainda algumas dezenas de tão preciosos documentos, porque a Tobis, em boa hora, os to-

mou à sua guarda e os salvou dum destino inglório.

E, a propósito, perguntamos: não seria interessante reunir todos os outros que andam dispersos, alguns até — como o do afundamento do «Augusto de Castilhos» na mão de particulares — para que se fizessem os contrapostos necessários e se atendessem às exigências necessárias à sua conservação? Eis uma pergunta — que é simultaneamente um alvitre.

### Os criticos americanos elegem os 10 melhores Realizadores

Os criticos cinematographicos dos diários, revistas e estações da Rádio da America participaram no inquerito promovido pelo «Film Dally», para apurar quais as dez melhores realizações da temporada de 1942-1943. Não deixa de ser curioso publicar a lista, até como homenagem aos obreiros do cinema, tantas vezes olvidados pela publicidade, em proveito das estrelas e dos astros que fabricam em série.

Michael Curtiz, o director da «Robin Hood», de Isabel de Inglaterra levou a palma dos vencedores — com os filmes «Yankee Doodle Dandy» (que deu a James Cagney o premio da interpretação da Academia Americana); «Casablanca» e «Mission to Moscow», este baseado no relatório do Embaixador Joseph Davies.

Mervyn Le Roy obteve o segundo lugar, com «Randam Harvest», que Lisboa viu ver sob o título «A Noiva Perdida», e no qual reaparece Ronald Colman, ao lado de Greer Garson. Howard Hawks ocupa o terceiro posto. O realizador de «A Patrulha da Alvorada» triunfou com «Air Force», a história de uma velha «Portaleza Voadora» e «Sergeant York».

Clarence Brown surge, em seguida. O veterano cineasta impôs-se, neste inquerito, graças ao seu filme «The Human Comedy», com Mickey Rooney, extralido do romance de Saroyan.

Iring Pichel é o quinto da série, com «The Pied Piper», «Life Begins at 8.30» e «The Moon is Down», baseada na novela de Steinbeck.

O comandante John Farrow conquistou o sexto lugar com os filmes «Wake-Island» que vamos ver, no Eden, sob o titulo de «A Vingança dos Mortos»; «Comandos Strike at Dawn» e «China» — ambos sobre a guerra actual.

«Sanguine, Sator e Lágrimas», obra-prima de cinematografia inglesa, deu ao seu autor e intérprete, Noel Coward, um lugar de honra entre os dez eleitos. Seguem-se, nos três últimos postos, Alfred Hitchcock, o realizador de «Rebecca», com o filme «Shadow of a Doubt»; Sam Wood, com o notabilissimo «Síctos» e finalmente o Major George Stevens, que dirigiu «The Talk of the Town» e «The Mone the Merrier».

Tais são, em resumo, os resultados do serilissimo inquerito do «Film Dally».

## “O PÚBLICO ESTÁ A ESTRAGAR A NOSSA RÁDIO!”

afirma Francisco Mata



Francisco Mata, o editor do «Domínio Sonoro», estava naquele «chall» claro e arejado — pretólio de todas as conversas, de todas as visitas de estreates, de todas as combinações radiofónicas — da Emissora Nacional, rodeado de amigos e disculia. Disculia, não acaloradamente mas com aquela desenvoltura simpática e alegre que o fazia distinguir no meio daqueles que o ouviam. Aproximamo-nos e escutamos. Evidentemente, tratava-se de Rádio com letra grande. Mata não estava de acôrdo... Não estar de acôrdo é discordar, e discordar é ter a sua opinião formada. É o entrevistista surgiu.

— Mata, que pensa você dos nossos artistas de Rádio?

Mata não toma tempo para pensar, responde logo:

— Nenhum dêles me dá a impressão de um artista de Rádio, quero dizer de um profissional de Rádio. Todos ães me impressionam pelo cara amador e o amadorismo é o pior que há em arte. Nem tem classe profissional, nem estudo.

— Muito bem. E as nossas orquestras de «jazz»?

— Não temos!...

A resposta é tão decidida, tão conclusiva que não insistimos. Mudamos de pergunta, enquanto Mata tamborila em cima duma mesa redonda alguns compassos do «Dalinah».

— Que pensa dos postos amadores portugueses?

Novamente Mata responde rapidamente, e... novamente não está de acôrdo...

— Pensa mal, muito mal. E rindo, acrescenta:

— Até parece o Olavo. Mas penso, de facto, mal. E quem tem a culpa é o público. O grande mal dos nossos postos amadores é fazerem os

seus programas em relação com o gosto do público. E o gosto do nosso público é, em média, deplorável! Fazer o que o público pede é dar maus programas. Se vinte ouvintes pedem Manuel Monteiro, José Lemos ou um dêses Pimentels, damos-lhes Monteiro e Pimentel até os discos estarem estragados. Ora quando se pensa que para bem da Rádio se devia pegar nesses Pimentels, Monteiros e outros, e queimá-los na praça pública, e todos os rádio-ouvintes que se prezem de dançar uma roda à volta de contentamento, está tudo dito!

— Você está agressivo...

— É assim mesmo. Quando me perguntam aquilo que eu penso, sinto-me obrigado a não enganar o público, falar com franqueza e dizer certas verdades que custam a ouvir. Por exemplo: toda a nossa Rádio está a trilhar mau caminho. Imita-se o que é mau, transige-se com o que não presta, em vez de se imitarem os únicos que são mestres: os americanos! Evidentemente, adaptando ao nosso temperamento. Mas a verdade é esta: o modelo de organização, de programação é, sem contestação possível, a Rádio americana.

— Cite um exemplo, Mata...

— É fácil. Rádio escolar é coisa que não existe no nosso país, e a sua falta é imensa. É um complemento de extraordinário desenvolvimento, fazendo como se faz lá fora: com intuito educativo. Não se trata de termos os professores esturras e maçadores como locutores, nem tão pouco fazer o programa de Rádio escolar uma nova lição de aula, mas sim uma lição escondida por detrás de um entretenimento, que se aprende sem maçada... Sabe qual é a percentagem de rádios escolares na América?... 40 por cento! Sabe qual é a percentagem na Noruega, por exemplo?... 70 por cento! Você já ouviu, com certeza, pelo menos uma vez, um programa português de rádio infantil?... Se já ouviu é escusado falar dêses programas para crianças com barbas ou mecinhos difíceis...

— Você é terrível!...

— Eu sei; sei que o facto de dizer o que penso me vai criar mais inimigos do que os que já tenho, mas que

importa, se aqueles que me podem atacar, que podem não estar de acôrdo comigo são os descerradores de lápidas, os lançadores de primeiras pedras e que são ainda os que hoje não acreditam na Rádio e a combatem desdenhosamente? Os outros... êses dão-me razão, com certeza, e é o que importa.

— E da Emissora?... Que pensa você?...

— Gostaria que frissasse isso mesmo. Pode-se estar ou não de acôrdo com o que se faz na Emissora, posso eu mesmo achar-lhe defeitos, mas é ainda em Portugal aquilo que se pode fazer de melhor, dado o amadorismo que impera no nosso país e as dificuldades materiais. Em suma: enquanto se não convencerem de que a rádio é, como o cinema ou o teatro, uma organização artística e comercial, como lá fora é considerada, e não tiver as verbas e o dinheiro necessários para progredir, será sempre o que ela é: rádio-amadora!...

A frase era final, conclusiva e terminamos assim esta entrevista, onde Francisco Mata havia exposto as suas idéias com clareza, com visão justa e com aquela juventude que é, neste caso, uma prova de força e de vontade de fazer melhor.

Bravo, Francisco Mata! E lembre-se que nós estamos de acôrdo consigo.

REPÓRTER TRS

### Uma grande novidade!

**EUGÈNE O'NEILL VAI SER REPRESENTADO RADIOFONICAMENTE PELA PRIMEIRA VEZ, EM PORTUGAL**

**C**ABE a «Vida Mundial Ilustrada» a primazia desta notícia, até agora guardada avaramente em segredo.

Os artistas de «Teatro Novo» — um simpático agrupamento que se propõe renovar o meio teatral português —encionam radiofundir, pela primeira vez, no nosso país, uma peça de Eugène O'Neill, o consagrado dramaturgo de «Electra» e os seus fantasmas» e um dos laureados do Prémio Nobel.

Segundo nos informaram, trata-se de «Atlantic Queen», uma das «Sete peças do mar» que, na América, gozam de justa e merecida fama. «Atlantic Queen» é um baleeiro, nos gelos do Norte, onde os homens vivem um drama intenso e forte.

Henrique Galvão, o conhecido escritor e autor teatral que possui, entre nós, a propriedade das peças de O'Neill, correspondeu com a sua habitual gentileza às pretensões de «Teatro Novo», concedendo todas as facilidades necessárias.

Assim, pensa-se que «Atlantic Queen» será radiofundida na noite de 1 de Janeiro de 1944 por um grupo de experimentados artistas de teatro e numa das nossas estações emissoras, completamente remodelada. Oxalá que o projecto se realize!

## À ESCUTA

«Nos sempre agradável realçar o esforço dos nossos postos amadores. Felicitamos, pois, Rádio S. Mamede e José da Costa Pais, seu proprietário e sua alma, pelas novas e modernas instalações que vão ser inauguradas brevemente. Sabemos que isto representa a realização dum velho sonho do incansável Costa Pais. Parabéns! Agora Rádio S. Mamede, uma das mais antigas emissoras do país, irá encetar mais uma grande jornada de sacrificio e de tenacidade. A produção radiofónica de Rádio S. Mamede ficará sob a égide de «Horizontes Novos». Fazemos votos sinceros para que «Horizontes Novos» fragram novos horizontes à rádio nacional...

UMA BOA NOTICIA

Consta que Armando Vieira Pinto, cuja actividade é sempre prodigiosa, apresentará em breve um programa de E. N. um novo programa, onde se focarão vários episódios duma família género família Hardy... portuguesa. Apesar de não ser original — a idéia é boa e sugestiva e maneja pela imaginação de Vieira Pinto poderá oferecer-nos magníficos episódios radiofónicos.

TRs: APONTAMENTOS

Quando se delzarão de aproveitar fragmentos de música seria para servir de fundo à inscrição de novos sócios e à leitura de boletins aborrecidos?...

\*\*\*

Ouvimos um programa de variedades emitido por um posto amador. O programa durou uma hora. Para nós, de tudo aquilo apenas se salvou a voz de Clarice Santos, no fado «Flores da Mourarias». Quando Clarice Santos melhorar a sua dicção, muito deficiente ainda, poderá vir a ser uma boa cantadeira de rádio, no seu género. Qualidades não lhe faltam.

\*\*\*

Num programa de Rádio Continental, Carlos de Oliveira cantou, em mau espanhol, uma canção andaluza, se não nos enganamos. Porque não se limitam os nossos artistas à língua portuguesa — se, muitos dêles, ainda mal a conhecem?...

## 40 MILHÕES DE RECEPTORES

**S**EGUNDO as mais recentes estatísticas da National Association of Broadcasters, dos Estados Unidos, há na América do Norte mais de quarenta milhões de receptores de ondas longas e curtas — o que dá a média dum aparelho por cada grupo de quatro habitantes. Qualquer costureira ou qualquer empregado possui o seu rádio para se distrair um pouco e para se educar também.

Até apetece perguntar: «É em Portugal, quantos receptores existirão?». Mas o melhor é não perguntar — por causa dos comentários à resposta...

### Jimmy Roosevelt

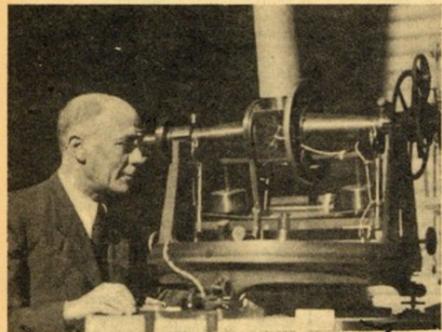
O filho do Presidente Roosevelt é um dos maiores apaixonados pela televisão. Trocou a política pela Arte. Ei-lo em sua casa, sorridente e feliz, escutando e vendo uma transmissão de «Row, Row, Row», executada pela célebre orquestra de Rudolf Prml.



# O QUE SERÁ O MUNDO DAQUI A MIL ANOS?

O que será o mundo daqui a mil anos? Eis uma pergunta que muitos terão feito, sem saber em que assentar motivos lógicos de resposta. As coisas evoluem tão lentamente que em milénios o homem se mantém, «mutatis-mutandis», a mesma coisa. Vive de aspirações, em casas que mantêm a sua primitiva configuração, a partir das cavernas — senhor dos mesmos instintos, pugnando pelos mesmos ideais, vivendo e morrendo nas mesmas aspirações... O que será o mundo daqui a mil anos? Com excepção da geografia política — onde está o país milenário, se apenas nos restam fragmentos de outros povos? — o mundo venceu os últimos mil anos lentamente. Será então difícil prever o que será o mundo futuro? Vejamos o que nos dizem alguns homens do nosso tempo, cada um dentro do mundo em que gravita:

## UM ASTRÓNOMO: PROF. DR. MANUEL PERES



— Como será o mundo de aqui a mil anos? Fazer esta pergunta a um astrónomo é como perguntar a um arquitecto: «Como será Lisboa de aqui a cinco minutos?»

Um milénio é um curtíssimo momento na vida do Universo e lá para o século XXX o aspecto do céu será exactamente o que é hoje. É verdade que todas as estrelas se movem com velocidades fantásticas — 20, 30, algumas mais de 100 quilómetros por segundo — mas as velocidades são tão grandes que em mil anos, mas mil séculos para que se notem algumas deformações nas figuras das constelações.

E não é só para o conjunto que mil anos é insignificante período de tempo; é-o também para cada astro considerado individualmente, ainda que esse astro seja de fraca categoria como é a Terra: não há só um, mas há alguns milhares de anos que viveram os primeiros faraós e já então, como ainda hoje, a figueira era árvore mediterrânea, prova que desde então não houve sensível variação no clima, pois as plantas não têm, como os animais, a faculdade de se adaptar aos diversos meios.

O arquitecto que falasse de Lisboa, ao afirmar a imutabilidade da capital dentro de poucos minutos, não deixaria de ressaltar a possibilidade duma mutação quase instantânea como trágicamente aconteceu em 1755. No mundo dos astros também há grandiosas catástrofes, estrelas que estouram como bombas, mas isso corresponde aos vidros que se estilhaçam numa ou noutra janela duma grande cidade. Na ilha de estrelas em que vivemos, isto é, de que o Sol é uma delas, acontece isso a uma meia dúzia em cada ano e ninguém dá por tal.

Poderia dar-se o caso com o próprio Sol e então ainda que ele não alterasse a textura do Universo, a humanidade seria afectada embora não tivesse ocasião de se preocupar com o acontecimento.

## UM QUÍMICO: PROF. DR. FORJAZ SAMPAIO



— Como será a Química do futuro?

...Consulto a minha esfera de cristal e a minha tábuca astrológica. Espero que será discreto. Vejo... o método matemático constantemente empregado... vejo... uma inteligência perfeita da energia radiante... A matéria desentranhada em força. A dinâmica reaccional das radiações selectivas.

Rádio-elementos, isótopos, elementos raros — aproveitados, num rendimento máximo... Como serão grandiosos os laboratórios para a sua transmutação!

Na república do mundo subatómico, uma realeza, a eléctrica; uma moeda, o electrão.

— Assim, pois, a Química do futuro...

— Todos os gnomos me segredam o alcance de longevidades inesperadas, e que será eliminada a esterilidade e o desmerecimento da terra, e que virá o medicamento individual, e que será suprimida definitivamente a dor. Será ela a iniciadora da cirurgia construtiva (que tanto irá além da mutilante). Terá nascido idade das ergonas! O ultraquímico do futuro será essencialmente um criador, progredindo riqueza, saúde e um conforto desconhecido.

— E o homem?  
— Eu sei: o homem, transfigurado, louvará então a Fausto! Mas éle, o criador das novas claridades, dissimulará a sua inquietação — insatisfeito pelo infinito que lhe falta.

## UM POETA: ANTÓNIO BOTTO

Daqui a mil anos ainda no Parque Mayer farão «reprise» sensacional das comédias de Arniches; haverá, mais retorcida talvez, a deliciosa e meigamente imbecil crítica literária de um certo jornal, à quinta-feira, de tarde, e com arroz de marisco; um par de sapatos custará oitenta e quatro mil escudos; a menina Milú continuará retratada nos «frontespícios» de todos os jornais da manhã e da noite; o quiosque de madeira encardida que está na Avenida da Liberdade da parte de cima da estátua aos mortos da guerra de 1914, é pintado de lilaz às pintinhas e o postigo para a venda de flores às criadas de servir tem um caixilho de lona todo bordado a matiz. Um avião de Londres a Cabo Ruivo levou quase meio minuto na viagem. Chegou atrasado. Chegam notícias do Brasil depois que a Beatriz Costa comprou mais um arranha-céus no Pará. Tem já uns 335 arranhas. A ponte sobre o Tejo é forrada de escarlate por baixo, e os poetas deixaram de fazer versos; passaram a assobiar num pifaro de marfim. Para a semana digo o resto.



## UM MÉDICO: DR. ALMERINDO LESSA

Falando sério, não posso prever o que seja a medicina no ano 2000. Espero, contudo, que a dignidade da pessoa humana, os seus direitos à saúde e os seus deveres higiénicos para com a colectividade constituam realidades sociais e políticas.

A Medicina chamar-se-á então Demofilaxia; dentro das disciplinas propriamente clínicas, a mais activa será a Traumatologia, devido aos excessos cada vez maiores da velocidade e das translações.

As grandes utopias de 1943, como os direitos da criança a subsistir, os direitos da mulher a ser livre, realmente livre, e os direitos do homem a trabalhar sem atingir a fadiga física, amplamente declaradas e aceites, estarão transformadas em direito... consuetudinário.

O homem será mais são e mais puro. A vida será mais longa e mais calma. Haverá remédios para todas as doenças. Os grandes flagelos sociais estarão vencidos. Só não sei se o homem será mais feliz...



# MIL ANOS?

## UM PINTOR: ALMADA NEGREIROS



— A Arte daqui a mil anos?!... Fizeram bem em me procurar. Acertaram. Eu sou efectivamente a única pessoa que sabe hoje o que será a Arte daqui a mil anos. É mesmo isto a única coisa que eu sei a fundo. Mas, como é fácil de ver, não me serve hoje de nada. Foi um grande acerto terem-me procurado.

Daqui a mil anos a Arte estará nos seus dias, como o estará já muito antes, daqui a uns cem anos. E então o povo aprenderá nas escolas, não tanto o que é a Arte como o perigo que ela corre em poder cair em épocas como a nossa. Daqui a mil anos a humanidade ainda tremerá como varas verdes ao ter notícias de que houve uma época na história em que a Arte andava nas ruas da amargura, número tantos, numa água-furtada, exactamente no mesmo instante em que uma humanidade desgraçada andava buscando a serenidade, e ninguém poderia supor que esta serenidade estivesse indigente numa água-furtada.

Escusado será dizer-lhe o que é a Arte nos nossos dias porque somos ambos da mesma época. Mas pode ter a creteza de que daqui a mil anos, eles saberão estas coisas que se passaram connosco melhor do que nós próprios.

Como lhe disse, daqui a cem anos já está tudo outra vez igual como foi antigamente e como será daqui a mil anos. E agora ao acabar a guerra pode profetizar-se que haverá uma corrida às Artes maior do que todas as bichas do pão, do azeite, do açúcar, etc. A verdadeira fome, a da Arte, havia de vir. Começa agora.

## UMA COSTUREIRA: BEATRIZ CHAGAS



— Como? A moda daqui a mil anos? Mas, meu caro senhor, isso seria uma pergunta para o grande Cagliostro e eu sou, apenas, uma pequenina e humilde mortal... — A moda é muito volúvel! Presentemente, ela retrocede. Recreia-se em fazer ressurgir e adaptar os lindos atavios das elegantes de 1940. E que lindas sugestões nos dão os trajes antigos! Por mais estranho que nos pareça, a mulher de agora, mesmo vestida com os fatos das nossas mães e avós, fica outra; outro encanto, outro ar — talvez por causa do dinamismo da época, da esbelteza da linha, «souplesse» de movimentos... É sempre a mesma e é sempre diferente!

— Perdão — a nossa pergunta refere-se ao futuro, porque achamos encantadoras as nossas contemporâneas... e sabemos, perfeitamente, o encantamento que nos produz a conta dum vestido...

— Ninguém é profeta na sua terra, mas, em 3 anos, voltámos para trás 40, — estamos em 1900, no campo da moda — e, neste retrocesso iremos parar ao tempo de Carlos Magno e do rei Dagoberto. Usaremos, então, lindas cabeleiras

# RESPONDEM

UM ASTRÓNOMO      UM PINTOR  
UM QUÍMICO        UMA COSTUREIRA  
UM POETA          UM ARQUITECTO  
UM MÉDICO        UM JORNALISTA

de tons maravilhosos! Não viu como eram lindas as artistas que, primorosamente, se vestiram na «Electra»? Pois iremos ainda mais para trás. Os cabelos serão compridos, sedosos e brilhantes, erfeitados de flores, deliciosamente perfumados! Vestiremos túnicas magníficas, de tecidos maravilhosos, mais preciosos que os que se fazem actualmente de vidro; far-se-ão de ar, leves e diáfanos como o ondular da brisa — e poderemos usá-las, em profusão, como num sonho!

Não haverá guerra — a paz andará, perpetuamente, entre os homens — e étes, num trabalho contínuo, inventarão... sei lá o quê...

Talvez consigam tecer os gorgelos das aves, a luz do sol, pois que os de vidro já serão de há mil anos, no tempo em que a humanidade se digladiava. Só haverá beleza — e as mulheres, sejam quais forem os seus vestidos, serão mais belas que nunca. E os homens absorver-se-ão nessa beleza feita para eles — e por eles. É esta a minha profecia para 1933. E agora uma confidência, mas isto não ponha no jornal: não haverá modistas. Com tanta beleza e simplicidade, não serão precisas. Todas as mulheres serão modistas de si próprias... e os homens não saberão que fazer ao dinheiro...

## UM ARQUITECTO: PARDAL MONTEIRO



Se me perguntasse o que seria a Arquitectura daqui a dez anos, não saberia responder; mas, como o que lhe interessa é saber o que será daqui a dez séculos, parece-me facilíma a resposta:

A Arquitectura continuará a ser a arte de compor e construir os edifícios. Estes serão, provavelmente, em forma de «sofisma» e a maior obra desse tempo será, certamente, um grande monumento que os homens de 2943 farão erguer em homenagem aos felizes de 1943, tão felizes que até se preocuparam com os de dez séculos depois...

## UM JORNALISTA... mas este anónimo, como todos os que compõem a prosa dos jornais

Um dever e uma consideração especial pelos ofícios do mesmo ofício leva-nos a perguntar ao jornalista como serão os jornais daqui a mil anos. Pegamos no primeiro que se debruça sobre a nossa secretária de redacção e éle responde:

— Sei lá, homem! O mundo às vezes anda para trás, outras anda para diante! Tão depressa se avança como se regressa. De modo que o difícil da resposta se resume em saber se não virá por aí uma catástrofe que mergulhe o mundo no caos, para renascer lentamente outra civilização — se, pelo contrário, o progresso avançará até aos ilimitados do imprevisível. Se vier um novo dilúvio, se o «mundo acabar» pelo fogo como disseram os profetas populares e entre os quais Bandarra, salvo erro, então não haverá jornais. O homem dificilmente conseguirá, em mil anos, construir processos de escrita tão perfeitos como o nosso. Se, pelo contrário, «o mundo não acabar» nestes séculos mais próximos — houve pessimistas, antes da guerra actual, que pressagiaram o fim da nossa civilização pelo efeito das bombas, gases e mais armas de morte — então os jornais serão qualquer coisa de inconcebível! Ah! não precisaremos de nos matar a escrever. Pensamos «eléctricamente» e as palavras aparecerão projectadas em placas portáteis que os leitores transportarão na algibeira, como o telefone ou o rádio. Porque, de uma coisa pode estar certo: o prestígio da leitura manter-se-á. Mesmo, porque se não houvesse escrita, não podíamos ter analfabetos...



**A grande revista da actualidade europeia**

O n.º 21 a distribuir, publica artigos interessantísimos e a crítica portuguesa:

**SÍMBOLO DO IMPÉRIO PORTUGUÊS**

**MAGNÍFICAS ILUSTRAÇÕES**

**EX. ESC. 2\$00**

## JAMES RAWES & Co.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO E SEGUROS

Lloyd's Agents

AGENTES DE:

**ROYAL MAIL LINES, LIMITED**  
(MALA REAL INGLÊSA)

**NORWICH UNION FIRE INSURANCE SOCIETY, LTD.**  
**BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION**  
etc., etc., etc.

RUA BERNARDINO COSTA, 47, 1.º  
Telefones: 23232-3-4 e 8 LISBOA

## Garland, Laidley & C.º Limited

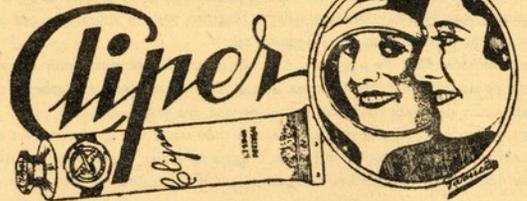
Estabelecidos há mais de um século

AGENTES DE NAVEGAÇÃO E TRANSITÁRIOS  
REPRESENTANTES DAS SEGUINTE LINHAS:

Blue Star Line • Brocklebank Line  
• Furness, Withy & C.º Ltd. • United  
Fruit C.º • Booth Line • Cunard White  
Star Line • Lamport & Holt Line •  
Yeoward Line

Tr. do Corpo Santo, 10-2.º R. Infante D. Henrique, 19,  
LISBOA PORTO

PASTA DENTÍFRICA



Dentes são e gengivas fortes. A pasta dentífrica CLIPER aromatiza a boca, branqueia os dentes não os riscando e tonifica as gengivas. Basta um centímetro de pasta na escova para produzir abundante espuma e uma lavagem perfeita.

A pasta CLIPER é um produto de alta qualidade internacional.

À VENDA NAS BOAS CASAS

Distribuidores gerais: COSTAS, PINTO & SANTOS, Lda.-R. S. Nicolau, 56-LISBOA

## P A P Y R U S

PAPYRUS—O melhor papel para escrever

PAPYRUS—O melhor papel para imprimir

PAPYRUS—O melhor papel para Títulos de Crédito

PAPYRUS—O melhor papel para Apólices, etc.

PAPYRUS—Os melhores livros comerciais

PAPYRUS—Os melhores sobrescritos

PAPYRUS—O melhor papel para cartas

À venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:

PAPYRUS  
Extra Strong

Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)

Rua dos Correios, 70

LISBOA

End. telegráfico PAPIRO—Telefone 25654



## QUAL DELES É O REI DE INGLATERRA?

ENTRE os «sósias» que têm surgido pelo mundo fora, é digna de realce a aparência excepcional que estas duas figuras revelam. A mesma altura, a mesma corpulência, a mesma expressão de rosto. Um deles é o rei George VI, senhor do Império britânico. O outro é o tenente Jack Arnis, de Chehalis. Mas reparem bem, atensem nas fotos, examinem os perfis com cuidado e confessem-nos sinceramente se, à primeira vista, seriam capazes de dizer, sem engano, qual dos dois representava o verdadeiro rei de Inglaterra.



## MEIA DUZIA DE COISAS AMERICANAS

EM Nova-York, há imensas escolas e academias de dança. Na frontaria duma delas, em Broadway, está o seguinte cartaz: «Ballets décentes todos os dias, excepto aos domingos».

\*\*\*

Na América, segundo as estatísticas, as mulheres pagam maiores impostos e são mais ricas do que os homens. Metade das apólices de seguros dos Estados Unidos pertencem às senhoras, num valor aproximado de 95.000.000.000 dólares.

\*\*\*

Um sábio das Universidades dos Estados Unidos lançou na matemática uma nova equação: a equação do casamento:

$$\frac{M}{2} + 7 = B$$

Isto significa: na altura do casamento a idade da mulher deve ser igual à do marido dividida por dois

mais sete. Na opinião do sábio, ser fiel a essa equação é o primeiro passo para a descoberta do casamento feliz, do lar ideal...

\*\*\*

Uma frase de Maureen Daly: «O relâmpago fez um rápido passo de dança no céu, e o trovão, ao longe, aplaudiu».

\*\*\*

Os carros de patrulhas da polícia de Washington são agora equipados com vassouras e pás. Os policiais têm ordem de varrer das ruas os estilhaços de vidro para que não estraguem os pneumáticos dos automóveis.

\*\*\*

A religião acompanha o progresso e a ciência. Em Nova-York, a firma Eduard F. Caldwell & Co. exhibe, pela primeira vez, uma pia baptismal fornecida de água fria... e quente.

# COCKTAIL

## FEODOR CHALIAPINE

CONTA UM EPISÓDIO DA SUA MOCIDADE



**D**ESNECESSÁRIO se torna apresentar aos leitores o nome de Feodor Chaliapine — que foi uma das figuras mais célebres da cena lírica mundial. Ele morreu em plena glória — mas legou-nos um livro de memórias — «Páginas de minha vida» — onde o seu talento e a sua personalidade ficam imortais. É desse livro que extrairmos o seguinte delicioso episódio, vivido pelo próprio Feodor Chaliapine:

...O teatro fazia-me perder a cabeça, punha-me quasi doido. Regressando a casa pelas ruas desertas, eu via, de novo, como que através dum sonho, as cenas mais impressionantes do drama «Medea». Parava na calçada, recordando as magnificas tiradas dos artistas e ficava a declamar, imitando os gestos e a mimica de cada um deles.

— Sou rainha, mas também sou mulher e mãe! — proclamava eu, no silêncio da noite, perante o espanto dos guardas da ronda.

As vezes, um qualquer transeunte, encalhido e apressado, parava e perguntava-me: — Que há?

Confesso: eu fugia, enquanto o tal transeunte, acompanhando-me com o olhar, murmurava pela certa: «Este garoto está bêbado!».

Em casa, contei a minha mãe tudo o que vira. Falei-lhe de Medea, de Jasão, da surpreendente beleza das figuras de teatro. Repeti-lhe as tiradas, mas senti que isso nada a interessava.

— Sim, sim — respondia ela, a meia voz, pensando noutra coisa. Acima de tudo, eu tinha vontade de conversar sobre o amor, aquêle sentimento que anima e dá alegria a toda a vida teatral mas, não sei porquê, sentia-me perturbado e não conseguia exprimir-me com clareza e simplicidade. No meu íntimo, compreendia bem como, no palco, os artistas falavam do amor com tanta beleza e tanta pureza, enquanto no subúrbio dos Mercadores de Fazendas o amor não passava dumaz vilania que despertava os mais maldosos sarcasmos.

Então, porque suscitava o amor, no teatro, proezas e sacrificios e, no nosso subúrbio, apenas murraças no rosto? Haveria dois amores? Um que se considerava como a suprema felicidade da vida e outro que não passava de pecado e devassidão?

— Sim, sim — repetia minha mãe — Isso nada vale. Não devias ir ao teatro, porque o teatro te desvia do trabalho. Tu 'pai repete constantemente que és um inútil. Defendo-te como posso, mas tu 'pai tem razão.

De facto, eu nada fazia e aprendia mal. Se solicitava a meu pai licença para ir ao teatro, êle recusava logo:

— Precisas de ser um bom empregado. Para o diabo os tais teatros! Empregado, animal. Assim terás sempre um pedaço de pão para trincar. Que há de bom no teatro? Não quizesse aprender um officio e acabaras apodrecendo numa prisão!

Mas o teatro seduzia-me cada vez mais e com maior intensidade!

## CONHEÇA A VELOCIDADE DO SEU CÉREBRO

**L**EITOR, êste pequeno exercício que damos a seguir serve para calcular se o seu raciocínio é rápido e se a sua intelligência funciona a tempo e horas. Procure não nos enganar — para não se enganar a si próprio. Veja, portanto, se é capaz de responder a estas perguntas e resolver êstes problemas no tempo que apontamos. Ficarã conhecendo a velocidade do seu cérebro.

- Quem escreveu «O Monte dos Venda-vaís»? ..... 3 segundos
- Quantas cordas tem um violino? ..... 7 segundos
- Dez automóveis estão alinhados, tendo o pára-choque contra o pára-choque. Quantos pára-choques se tocam? ..... 8 segundos
- Qual é a capital da Suíça? ..... 5 segundos
- Diga oito artigos da indumentária feminina que começa por c? ..... 30 segundos
- A zebra é um animal branco com listas pretas ou preto com

## A AVIAÇÃO E AS DORES DE DENTES

**D**UAS coisas tão diferentes, tão longínquas e que, afinal, se tocam... Na verdade, um célebre dentista de Tóquio acaba de demonstrar que os aviadores, em geral, padecem de fortissimas dores de dentes. E êle explica: «Há na raiz de cada dente uma espécie de pequena bolsa que sofre a influencia das condições atmosféricas, sobretudo nos vãos a grandes altitudes».

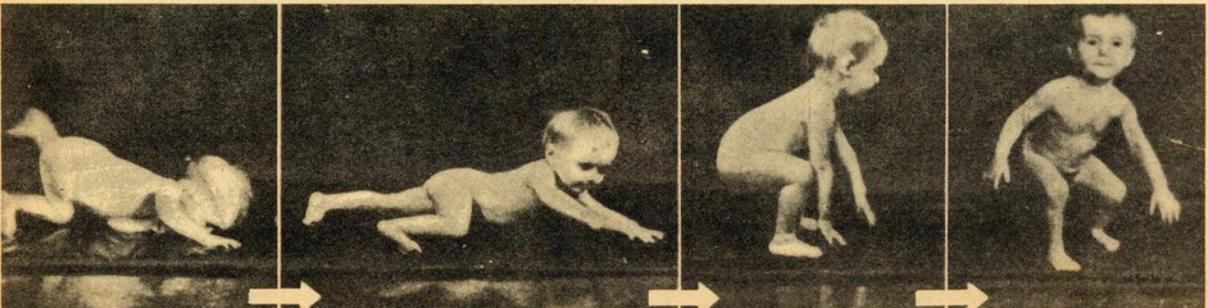
Um perito em aviação, americano e combatente na guerra actual, já respondeu ao dentista de Tóquio, declarando que os aviadores, mal aterram, perdem imediatamente as dores de dentes que os atormentam durante o voo.

Assim, os laboratórios lançam-se agora em busca dum produto que combata o efeito das condições atmosféricas. Nada de fazer eraias de destruição, levando consigo uma simples dor de dentes...

- listas brancas? ..... 10 segundos
- g) Quem matou Carlota Corday? ..... 12 segundos

(continua na pag 24)

## A PRIMEIRA TENTATIVA...



# ACTUALIDADE

## Pedantes e charlatães

**P**ARA mim, não há nada mais detestável que o pedante. Na literatura inglesa do século XIX houve, pelo menos, dois homens com quem felizmente tenho entretido relações de certa intimidade: Macaulay e Carlyle, que consideravam o pedante e o charlatão, dois quasi sinónimos, como a praga mais abominável da terra. Dantes dizia que eles eram odiosos a Deus e aos inimigos de Deus.

«A. Dio spiacente! ed a nemici sulti».

O imortal florentino queria certamente significar que o próprio mal era sincero, verdadeiro; que se apresentava tal qual era, nu, sem hipocrisias, sem disfarces. E que, por isso, os agentes do mal odiavam até à raiz esses arlequins do pedantismo, do charlatanice, que não têm a virtude de ser bons nem a coragem de ser maus, e que são umas vezes bons outras maus, consoante convém aos interesses da sua personalidade inferior. Os astros gravitam à volta dum centro, conforme a sua hierarquia. Esses tipos giram à volta de si mesmo, contrariando todas as leis da atracção universal.

Há pedantes de todas as categorias intelectuais. Mas a alta categoria intelectual não se pode acomodar muito ao pedantismo. E mais nas mediocridades que vamos encontrar bastantes espécimes. Há homens que já nascem pedantes: são os tipos natos. Desde pequenos que ligaram sempre maior valor ao gesto que à acção, mais ao pormenor que à obra. São falsos em tudo, por dentro e por fora. Se lhes tirarem a andaina, o emperitamento, o emplastrado do cabelo, o nó da gravata, as mesuras a uns, o ar de desdém a outros, isto é, se os despirem interior e exteriormente de todo o artifício, que fica? Uma mentira, um sofisma, um solecismo, porque são apenas uma massa humana sem alma.

Mas além dos pedantes natos, que são horrorosos, há os pedantes ocasionais, isto é, pedantes que até uma certa quadra da vida não foram pedantes. Homens que pareciam modestos, e certamente o eram, mas a quem um hambúrgio, ou até um não hambúrgio, uma aspiração legítima, guiando a posições de certo relevo. Chegadas lá, como quem se eleva ao pináculo de alta montanha, viram cá em baixo um cenário maravilhoso. Ficaram deslumbrados. E daí a metamorfose. De lagartas passaram a borboletas, muito pintadas, muito policromas, muito brilhantes. Conheci muitos destes. Hoje, o senhor deputado, ainda tratável, tu cá, tu lá, amanhã o sr. ministro, muito distante, muito inacessível, compondo-se na cadeira curul, estudando os modos no espelho da sala, cheio da sua importância, da sua omnipotência, da sua distinção. Em Coimbra, onde nasci, conheci alguns que, ao enfiarem o capêlo na cabeça, se modificavam logo. Entre estes, parece que havia homens que tinham revelado certo talento, verdadeiro ou não, mas, fôsse o que fôsse, apenas se tornavam pedantes, o talento baixava, à medida que a pedante subia. Mas não é preciso subir tão alto para encontrar o pedante. Até um rústico, ao entrar para a policia, pode adquirir modos affectados.

É que o talento não pode viver, nem paredes meias, com sentimentos inferiores. E nada há de mais inferior que o pedantismo e o seu irmão gêmeo, o charlatanismo.

É claro que o homem verdadeiramente superior não pode ser pedante. Um individuo que ao assumir uma posição alta se reveste de importância, se mostra olimpico, é porque nunca teve importância, nunca foi olimpico. É como um labrego ao envregar roupa cidadã, ou uma casaca com colête branco e laço. Não está à vontade e começa a gesticular e a desengonçar-se à toa, como aquêle Morgado de Fafe que nos representava o grande Ferreira da Silva.

Mas não pensem que só a Portugal é que vou atribuir os pedantes. Que era a adoração do pedunculicho em França senão uma forma vasta e até hipertrofiada do pedantismo? E que eram na própria Inglaterra esses figurões que decoravam o «Almanaque Nobiliárquico», só para com citações de nomes de fidalgos, darem a impressão de que se davam com as primeiras figuras da aristocracia?

Pedantes! Horríveis todos, uns talvez mais que outros, sobretudo os natos. Deus não os quer nem o Diabo. Quando morrem, qual será o seu lugar no outro mundo?

ANTÓNIO RUAS



Trata todas as doenças da boca como: **Piorria**—**gengivites**—**caria dentária** etc.

## Sulfadentina

UNICA PASTA DENTÍFICA COM SULFADENTINA

Unico depositário: **PAOLO COCCO**

Rua Andrade, 4, r/c., Esq. — LISBOA

A venda em todas as farmácias e nas melhores casas da especialidade

## FALA-SE ESTA SEMANA

DR.ª ILDA BARATA DA CRUZ



Hoje que a mulher conquistou por direito de votar quasi todos os lugares, ao lado do homem, não devia parecer estranho que mais uma senhora se formasse em filologia românica. Mas, este caso da Dr.ª Ilda

Barata Cruz é um caso especial: tem pouco mais de vinte anos e obteve as mais altas classificações no final da sua carreira universitária.

LEÃO PENEDO



LEÃO Penedo impôs-se com o seu primeiro romance — «Multidões, que alcançou uma segunda edição. Agora, Leão Penedo dá-nos o seu segundo romance — «Caminhadas» — em que avultam o sentido humano das figuras, a realidade das coisas e a elegância da forma escrita, muito de Leão

Penedo. «Caminhadas» ficará a um dos melhores documentos da gente humilde do nosso tempo, e vai merecer do público e da crítica um acolhimento de grande interesse.

CHRISTIAN CATERS



O Japão visto por um francês — é o título de um largo documento sobre o Oriente, escrito por Christian Caters e traduzido pelo dr. Justino de Montalvão, um profundo conhecedor do mundo oriental. O autor que reside entre nós, deu-nos, assim,

um colorido estudo, uma interpretação de alto nível local, que valoriza particularmente a contextura da obra fundamentada no conhecimento directo.

**E**STEVE reunido o Congresso das Ciências Agrárias. Numa hora em que o mundo se redela e os olhos dos homens vão voltar-se para a terra numa suprema súbtil e num exaustivo empenhamento de luta, para que dela seja subtraído todo o conforto que a guerra destruiu — este debate de idéias ergue-se como uma grande possibilidade de se criar o prestígio agrário, sem abaixamento da dignidade humana. Ninguém poderá, portanto, negar a oportunidade do Congresso das Ciências Agrárias, onde foram emitidos os mais abalizados pareceres sobre o campo, o homem, o clima e as condições de trabalho.

A completar o interesse dos trabalhos, realizou-se uma Exposição bibliográfica Agronómica e Florestal, com a presença do Chefe do Estado. É da inauguração desta exposição efectuada no Palácio da Independência, o aspecto que damos na foto junta.

**Luiz Ferrão**  
LOTARIAS

A casa mais feliz no norte do país  
RUA FERNANDES TOMAZ, 863  
(Próximo ao Bom Jardim)  
Telefone 6905 — PORTO

## ULTIMO NATAL

**E'** o quinto Natal da guerra, este que se aproxima agora — para não dizer que estamos a viver. Desde aquêle outro de 1939, a três meses apenas do início das hostilidades, o mundo saturou-se de sangue, de luto e de sofrimento. Dir-se-ia que a capacidade de resistência ultrapassou todos os limites ultrapassáveis. O mundo aspira à paz, à felicidade, ao descanço para recuperar novas forças e lançar-se em novos empreendimentos, baseado em princípios morais e sociais que são, evidentemente, a razão fundamental da luta presente. Não fóra assim — e para que estariam a sacrificar-se milhares de vidas? Não fóra assim, e para que se teriam destruído tantos lares, tantas legendas do passado, escritas em monumentos? Não fóra assim, e para que se desviariam da economia humana, com fins de bem estar social, tantos bilhões de libras?

Há, realmente, muita coisa a esperar desta guerra. Tudo nos indica que o sacrifício de vidas — e todos os outros sacrifícios — não há-de resultar inútil. O cuidado com que os condutores da guerra e responsáveis pelo destino dos povos estão a preparar o após-guerra, leva-nos a um bom caminho de convicções optimistas. Como que estão a juxtapor-se princípios extremos que tendiam para a direita e para a esquerda, no desejo sincero de alcançar um meio termo justo e equitativo.

A tolerância, uma grande virtude que o materialismo tinha submergido como obstáculo às realizações dos audaciosos, há-de também renascer mais fortalecida e compreendida. E, com ela, outras virtudes perdidas, como a justiça, a equidade, o espírito de bondade solidária — toda essa bagagem que não pode ser utopia, porque vive amadurecida na compreensão de todos nós. O mundo tem que ser melhor — e se cada um de nós quiser que o seja, as possibilidades de alcançarmos essa felicidade aumentarão em velocidade. Quando passou o primeiro Natal de guerra, ainda, os homens se interrogavam confusos sobre as verdadeiras causas por que se batiam. Depois, noutros Natais seguintes, à medida que se esvaziavam lares e se escureciam corações no luto da morte, acendiam-se luzes na inteligência dos homens.

Hoje, neste Natal que tudo nos indica será o último da guerra — o homem sabe por que se bate. Interesses materiais, se os houve, ao princípio, a mover os cordeis da guerra — foram por sua vez vencidos, quando quasi toda a Europa se lançou nessa grande aventura que era a conquista da felicidade futura dos filhos — dos filhos que serão amanhã homens e que hoje celebram tristemente a festa da família. São eles que hoje, mais uma vez, fazem votos por que tão cedo não haja mais Natais de guerra. Os responsáveis pela condução da guerra anunciam-nos a paz para 1944. Que assim seja. Que ela venha, sólida, robusta, capaz de desafiar o tempo. Porque uma paz pode ou anémica — não resolve os problemas sociais e políticos.

O mundo quer a paz — mais uma paz definitiva... pelo menos até a um longínquo Natal.



**LOURIVAL FONTES  
PASSOU POR LISBOA  
E FALOU DO BRASIL**

**L**OURIVAL Fontes deixou as suas amplas, magníficas instalações no Palácio Tiradentes, onde funciona o Departamento de Informações do Brasil e foi-se de longada até à América do Norte. Demoram-lhe um lugar que reclamava do ocupante argúcia, inteligência e cultura.

E quem melhor do que o Dr. Lourival Fontes poderia desempenhar funções de delegado do Governo brasileiro, junto do «Bureau International du Travail» com a sede transferida de Genebra para o Canadá por causa da guerra?

E no Canadá que o Dr. Lourival Fontes reside actualmente — e é de lá que se dirige, via Lisboa, para Londres, onde vai tomar parte como delegado do Governo brasileiro, nos trabalhos preparatórios da Conferência Internacional do Trabalho. Quando lhe perguntámos se leva um programa de trabalhos, o Dr. Lourival Fontes diz-nos que sim, mas que só no regresso no-lo poderá expor:

— Por agora, basta que saiba do meu optimismo e da minha confiança em dias melhores. A Conferência Internacional do Trabalho ocupará-se de problemas do após-guerra e tudo nos indica que não há tempo a perder, se quisermos assentar a paz em bases sólidas.

— E, no Brasil, como se reflectirá o problema?

— O Brasil oferece-nos sempre aspectos de problemas caracterizadamente brasileiros. Mas a experiência e as directrices da politica do Brasil ensinam-nos que esta guerra nivela muitos problemas, pois, o que diz respeito à paz por que os homens aspiram e pela qual se batem, baseia-se no bem estar social, com uma casa regular, higiene, alfabetização e o prato sempre cheio, na hora do comer — trabalho para todos, bem estar para todos! Ora, este problema não é do Brasil, mas de todo o mundo. E é para o resolvermos que vamos reunir-nos em Londres...

— Entretanto...

— Entretanto, goso em Lisboa este sol magnífico, este clima doce... Imaginem, quando saí de Nova York, o termómetro descera a 23 graus. É espantoso este magnífico inverno, que parece brasileiro!

— Efeitos do intercâmbio...

O Dr. Lourival Fontes sorri:

— Talvez. Em todo o caso, se pretende aludir ao acôrdo cultural que eu e António Ferro assinámos em nome dos nossos países, quero dizer-lhe que ele é de um alcance ainda por divulgar. Começam agora a despontar os frutos dessa semente boa que lançámos à terra e que resistirá ao tempo e à guerra. Depois dela, verá como será produtivo o nosso acôrdo.

Dizemos ao Dr. Lourival Fontes que a sua saída do Departamento da Imprensa do Brasil fêz correr notícias desencontradas, entre nós:

— O «pânico» era infundado. Quando as obras são boas, resistem ao tempo e às vicissitudes da matéria humana. O acôrdo cultural que nós firmámos não era António Ferro — Lourival Fontes, mas luso-brasileiro. A minha saída do Departamento da Propaganda baseou-se apenas em conveniências da política interna. O Brasil passou por uma grande crise no sub-solo da sua política. Mas a democracia triunfou, pode estar certo — e definitivamente.

— Quando regressa?

— Ao certo, não sei. Mas pretendo passar o Natal em Lisboa.

— Terá então que nos dizer?

— Com certeza. Nesta conferência nada se decidirá, porque assentaremos apenas em planos de trabalhos a tratar mais tarde. Mas, no regresso, já terei muito que contar, há-de ver...

**BAZAR DOS POBRES...**

*TODOS têm o seu Natal! Aqui estão os brinquedos dos pobres, com as suas construções ingénuas como a alma das crianças que os vão adquirir. O Natal das crianças pobres, de há anos a esta parte, passou a ter brinquedos: foi a partir do ano em que os barraqueiros montaram o seu negócio no largo do Camões para vender brinquedos a 1\$50... que hoje custam mais do dobro.*



**NOTAS  
RÁPIDAS**



A Obra das Mães efectuou-se na Pôrto, com o sentido exacto das realizações e dos fins com que foi criada. A sr.ª condessa de Lumbrães, tendo à sua direita o sr. dr. Pinheiro Tórres, falou na sessão /solene, quando da abertura dos trabalhos em que foram distribuídos berços às crianças pobres.



Carlos Carneiro conquistou lá fora um nome prestigioso que depois se impôs no Pôrto. Agora, expõe no S. P. N. As suas aguarelas são a mais bela expressão poética. A inauguração da exposição assistiram António Ferro, membros do corpo diplomático, gente das letras e das artes.



A pianista sr.ª D. Marcela Matias realizou, no Instituto de Cultura Italiana, um concerto de música clássica inédita. A apresentação foi feita pelo dr. Giacinto Manuppella que se vê na foto, com o director do Instituto, dr. Gino Samloti e a concertista da tarde.

IN VINO VERITAS

CASA FUNDADA EM 1842

**O VELHO PORTO**

*Niepoort*

sabe...

...a quem sabe

# O JAPÃO VISTO POR UM FRANCÊS

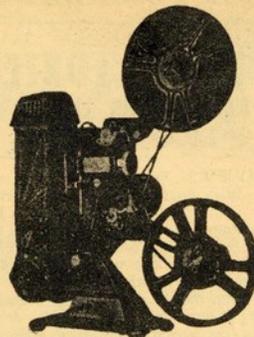
por CHRISTIAN DE CATERs  
Tradução e prefácio do antigo Ministro em Tóquio  
e apreciado escritor

JUSTINO DE MONTALVÃO

Novidade literária sensacional! Livro famoso em que se descrevem, com viva realidade e com absoluta imparcialidade: *Maravilhosas evocações da História e origens do Japão. Educação da juventude. A mulher moderna. A malícia da Casa dos Risos. Teatros e bastidores. Cinemas. Dancings. Conquistas amorosas. Excentricidades. Etc., etc.*

316 pág. 16\$00

Edição da PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA



## CINEMA DE AMADORES

**PATHE-BABY  
PAYLLARD  
UNIVEX**

TODOS OS FORMATOS  
8, 9,5 e 16 m/m

Laboratórios e Reparações

**SOCIEDADE PATHE-BABY  
PORTUGAL, L.<sup>DA</sup>**

LISBOA—R. SÃO NICOLAU, 22  
PORTO—R. SANTA CATARINA, 315

PACO

*Tino Rossi*

*Usa creme de barbear*

# RAPIDE

*Por ser o melhor!*



# ASTÓRIA

## ARTES GRÁFICAS

TUDO O GÉNERO DE TRABALHO TIPOGRÁFICO  
PARA O COMÉRCIO E INDÚSTRIA - IMPRESSÕES  
A OURO, PRATA E RELEVO - IMPRESSÃO SOBRE  
SÊDA - ENCADERNAÇÃO E PAUTAÇÃO

TELEFONE P. B. X. 43258  
REGUEIRÃO DOS ANJOS, 68  
L I S B O A

## Vinho do Pôrto "GRAHAM"

DA FIRMA

Guilherme e João Graham & C.<sup>a</sup>

VILA NOVA DE GAIA

Agentes em Portugal e Colónias

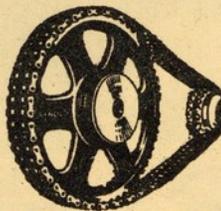
Guilherme Graham Júnior & C.<sup>a</sup>

LISBOA

PORTO

R. dos Fanqueiros, 7-Tel. 20066/9 .Rua dos Clérigos — Tel. 880/1

## CORRENTES RENOLD



A TRANSMISSÃO MAIS PRÁTICA  
ECONOMIA DE ESPAÇO  
ECONOMIA DE FORÇA

TRANSMISSÃO POSITIVA . COM  
CERCA DE 99 % DE EFICIENCIA

FUNCIONAMENTO SUAVE  
LONGA DURAÇÃO

**Harker, Sumner & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

14. L. do Corpo Santo, 18  
L I S B O A

152. Rua José Falcão, 156  
P Ó R T O



## DO CANTO DA MAIA

*Agora me atrevo  
Cantando do Maia  
As belas esculturas,  
As grandes figuras  
De alto relêvo;  
Mas se o Canto da Maia,  
De três assobios,  
Acaso desmaia  
Com meus elogios  
— Ob! santa tolice!  
Retiro, entretanto,  
Em gesto de jaia,  
Aquilo que disse  
E meto a um canto  
O Canto da Maia.*

## À MANEIRA DE JOÃO AMEAL

— «O tempo corre tão depressa!»  
Oíço exclaimar isto muitas vezes. Eu próprio sinto-o e penso-o em certas horas em que desejaria que o tempo não passasse. Afigura-se-me então mais nitidamente que tudo gira, que a vida é um rodopio, um *vol-au-vent*.

— «O tempo corre tão depressa!»  
Pelo mundo vai agora uma vertigem de entontecer as cabeças, como diria Maritain ou Marcel Proust. Os horizontes enchem-se de graves pontos de interrogação. Já ninguém pode ignorar que esta guerra não é como as outras guerras — porque traz, nos seus carros de assalto, um barulho imenso, ciclópico. Que resultará de tu-

do? A madrugada — ou o crepúsculo? Quem se enganará? Eles, elas ou eu? Tôdas as hipóteses são admissíveis, na frase de Romain. O Mundo continuará, porém, a singrar através dos dramas, sobressaltos, enigmas, tempestades, chuviros — em que imprevisivelmente se traçam as linhas do futuro. Crepusculo ou madrugada? Só o tempo nos responderá, exclama São Tomaz. Mas o tempo corre tão depressa! Tão depressa — que eu não sei mesmo se ele terá tempo para nos responder. Sinto-me, confesso, como Édipo diante da Esfinge, a fazer perguntas, interrogações, sem descanso, a a Esfinge — moita...

## NOITE DE NATAL

**A** GORA que o Natal se aproxima, recordo o que sucedeu o ano passado, precisamente pelo Natal, ao meu estimado amigo Tibúrcio Lopes. Tibúrcio, minhoto de origem e tradicionalista por vocação, nunca deixa de celebrar, com a família, a noite de 25 de Dezembro. Tibúrcio não ceia — a não ser nessa gloriosa e enternecedora noite. O ano passado não fôlhou a regra. Em volta da larga mesa, sob a amena presidência de Tibúrcio, reuniu-se a família tôda. Comeu-se, bebeu-se, conversou-se, recordou-se — e até se chorou. Pela madrugada tudo recolheu para digerir, na doce paz do Senhor, tôda a divina ceia. Eis senão quando a mulher de Tibúrcio acordou êste que resfolegava:

- Ó Tibúrcio? Tibúrcio?
- Que é? Deixa-me...
- Tu não ouves passos na cozinha?
- Não. Não oíço nada...

E virou-se para a direita. Mas a mulher insistiu, sacudiu, de novo, o corpo adormecido de Tibúrcio:

- Anda gente na cozinha, Tibúrcio... É melhor ires ver o que é...
- Ele pôs o ouvido à escuta e, efectivamente, ouviu barulho.

- Já sei...
- São as criadas queres tu dizer...
- Qual! É o Menino Jesus que veio pôr os brinquedos no sapato do Tonecas...

- Será?
- Não tenhas dúvida.

Naquela certeza adormeceram ambos. Chegada a manhã, quando as criadas se levantaram, deram com a porta da cozinha arrombada e roubadas as pratas da casa de jantar. Foi um alvorbô. A família levantou-se tôda; houve copiosas lágrimas; Tibúrcio disparou a sua pistola; e tendo-se convencido de que aquilo não era brincadeira, nem milagre do Menino Jesus mas obra de ladrões, foi queixar-se à polícia. As pratas não apareceram até agora e o pobre Tibúrcio não se cansa de lamentar, ainda hoje, que os ladrões, tão pouco tradicionalistas, passem a noite de Natal em casa das famílias alheias. E tem razão.



### A FERA



O jornalista Tôres de Carvalho tem uma casa na Costa da Caparica onde passa os seus dias livres. Recentemente, quando ali se encontrava, foi atacado, de imprevisito, por um animal estranho. Travou-se renhida luta. Não obstante a corajosa agilidade de Tôres de Carvalho, a fera, corajosa também, não o largava. Em determinada altura, o jornalista, já ensangüentado, conseguiu meter a mão no bôlso da calça, tirar a pistola — e desfechou sobre a fera, que caiu morta. Viu-se então que o estranho e feroz animal — era uma pulga.

sário ascender a um segundo andar em São Pedro de Alcantara. O homem ascendeu. O médico viu-o, examinou-o, voltou-o de todos os lados, e reconhecendo que o doente era, afinal, um doente de imaginação, acabou por dizer-lhe isto mesmo.

— Então o senhor Doutor não me receita «água» nenhuma?  
Logo o médico condescendendo, num sorriso:  
— Olhe, tome «água-pé»...

### O GRANDE NELSON



Nelson de Barros, que já era, além dum bom rapaz, um belo humorista, está a converter-se num fecundo e feliz homem de teatro. As suas últimas revistas — Toma lá dá cá, escritas de colaboração com Ascensão Barbosa e Anibal Nazare — revestiram-se dum vivo êxito teatral. Em face d'isto, os seus colaboradores resolveram erguer-lhe uma estátua no «Parque Mayer», defronte do Maria Vitória, em que Nelson de Barros aparecerá convertido em Nelson de Bronze. A estátua será equestre, e Nelson — o grande Nelson! — cavalgará a Fantasia.

### ÁGUAS



O Dr. Ascensão Contreiras é um dos nossos melhores hidrologistas. As «águas» para êle não têm segredos. Há dias, um sujeito que leu o seu último volume em devo fazer a minha cura de águas? foi consultá-lo. Para chegar ao Dr. Ascensão é neces-

# TEATRO ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?



ESTE artigo e esta fotografia de viam vir publicados na secção «Está de acordo com isto?», porque a ele se destinava a carta enviada por um nosso leitor. Mas como se trata de uma reclamação tão urgente e tão importante, publicamo-la aqui, onde tem o seu devido relevo, visto ser uma reclamação directamente ligada com os teatros e cinemas, ou melhor, com as portas dos teatros e dos cinemas, que são os lugares onde os senhores contratadores costumam fazer o seu negócio.

A vida moderna, para facilitar os actos de comércio, criou uma nova entidade entre o produtor e o comprador, que é o intermediário ou vendedor. Compreende-se a utilidade desta medida prática. Para comprarmos um corte de fato ou uma facha de cozinha, é-nos infinitamente mais fácil dirigirmo-nos à loja próxima do que encestarmos ronceira e penosa viagem até Covilhã ou Guimarães. É certo que o vendedor por nos ter feito ganhar tempo e facilidades, há-de receber a sua percentagemzinha. Para isso aumenta o preço 1 ou 20 ou 30 % o custo da mercadoria.

Como vêm tudo claro e limpo. Mas, pergunta-se: qual foi a necessidade que deu origem a essa classe de intermediários parasitas que se chamam contratadores?

Na casa não há bilhetes. Lotação es-

gotada. E para amanhã? Para amanhã também não há. E para depois? Para depois ainda não se vendem bilhetes.

O pobre do cliente tem um meio sorriso triste e parte, quasi resignado. Mas que vê ele, bom Deus? Em frente da porta, rodeado de gente, os contratadores têm as mãos cheias de bilhetes! Na bilheteira, nem um. Mas aqueles illustres senhores, apenas por possuírem um boné especial e pagarem as suas contribuições, vendem bilhetes até para espectáculos a realizar daqui a oito dias.

São muito amáveis, muito solícitos os contratadores, não são? Coitados, a terem de jantar mais cedo para comprar os melhores lugares, a casa toda, quando o espectáculo promete enchentes. Depois — reparem como eles são carinhosos! — ficam ali a pé firme, ao frio, à chuva, aí para nós não nos incomodarmos a ir à bilheteira. É enternecedor, não é? E tão prestáveis são que, mal nos vêm entrar, previnem-nos logo: «Olhe que na casa não há bilhetes». E não há! Pois podia haver, se os intermediários parasitas os compraram todos?

Pode-se dizer, sem grande exagero, que a profissão liberal de contratador é uma das mais rendosas profissões que existem no nosso país. Medicina, advocacia? Tretas! Aquela sim, que dá lucros chorudos. Se ele já há contratadores (um, pelo menos, conheço-o eu muito bem) que se dão ao luxo de ser capitalista de algumas revistas que sobem à cena nos nossos teatros!

Num futuro próximo, se esses amáveis senhores não levarem sumiço, não será estranho ouvirmos uma mamã cuidada, dizer para a amiga: «Pois o meu Zeca, se Deus quiser, há-de ser contratador. É um lindo futuro...»

Diz-se para aí que há certos males necessários. Os contratadores, porém, são um mal desnecessário, sem a menor razão de existir, a não ser para nos meter as mãos nos algebeiras, o que não é nada louvável da nossa parte. Urge acabar com ele, como se acabam com os ratos, com as plantas daninhas, com tudo o que é nocivo. Não estão de acordo?

A. P.

# PARECE-LHE BEM QUE SE TIVESSE FEITO UMA ENCENAÇÃO MODERNA NO «FREI LUIZ DE SOUSA?...»

NUM meio como o nosso, tão pequeno, tão pouco fértil em «acontecimentos», uma nova encenação ou, se preferirem, uma nova versão de «Frei Luiz de Sousa», a obra-prima do nosso teatro, foi caso muito e muito falado, e, como não podia deixar de ser, deu motivo a que nascessem várias correntes de opinião: os que estão de acordo, os que não estão de acordo e aqueles que «sim, mas que também» ou seja o processo fácil e cómodo de falar sem nada dizer, que é uma das grandes virtudes nacionais.

O panorama apresentado é vasto e rico. Mas «Vida Mundial Ilustrada» quis dá-lo, em síntese, aos seus leitores. Por isso, procuraram-se escritores, críticos, tudo gente conhecida e com responsabilidades, para que dissessem de sua justiça. E aí está o inquérito.

«FIZEMOS POR BEM SERVIR O TEATRO», DIZ ROBLES MONTEIRO

A pessoa mais indicada para abrir este inquérito é Robles Monteiro, a quem se devem algumas grandes realizações do nosso teatro. A pergunta principal do nosso inquérito estava respondida por sua natureza. Se Robles Monteiro não tivesse achado bem dar-se uma moderna encenação a «Frei Luiz de Sousa» não a teria feito, certamente. Perguntou-se-lhe qual das duas «versões» preferia.

— Acho as duas igualmente boas. Não as fizemos para se estabelecer um confronto nem para levantar discordâncias, mas apenas para bem servir o teatro. E é tudo quanto posso dizer.

«NÃO HÁ DIREITO QUE, NESTA ALTURA, SE FAÇA UMA NOVA ENCENAÇÃO», EXCLAMA CARDOSO DOS SANTOS

— «Frei Luiz de Sousa» tem apenas uma versão! Amélia Rey Colaço deu-nos uma encenação bonita, mas que não está de acordo com a grandeza da obra. Sobretudo, nesta altura em que se comemora o seu centenário, não há direito que tivessem feito uma nova encenação!

Fez-se de Amélia Rey Colaço, do seu valor. Cardoso dos Santos, responde sem hesitação. Os seus olhos inteligentes têm um brilho maior.

— Amélia Rey Colaço é uma boa actriz, mas falta-lhe a disciplina de uma escola.

«A PEÇA LUCROU COM O CONFRONTO ENTRE AS DUAS ENCENAÇÕES», AFIRMA JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

O escritor e o dramaturgo, que terá,

esta época ainda, uma peça representada na casa de Garrett, responde com a sua conhecida sinceridade:

— A peça lucrou com o confronto entre as duas encenações e com a prova a que a sujeitaram. Lucrou ela e lucrou o público, que encontrou um ótimo assunto para discussão e para a formação de partido. Já viu coisa mais grata ao espirito do português?

Fêz uma pausa, para concluir: — Estou de acordo com todas as iniciativas que venham dar vigor ao teatro, e das quais resultem alguns ensinamentos.

GASPAR SIMÕES TAMBÉM ESTÁ DE ACORDO

Os seus ensaios e romances, as suas

## AS TRES PANCADAS...

SE outro mérito não teve, «Frei Luiz de Sousa 1843» e «Frei Luiz de Sousa 1943» serviu, pelo menos, para pôr em jogo dois grupos de artistas, obrigando-os a darem o melhor do seu esforço para vencerem naquela prova de exame que resultou do confronto das duas noites de espectáculo.

Como encenação, «Frei Luiz de Sousa 1943» falhou. E falhou em cheio. Salvaram-se os cenários e os figurinos de José Barbosa, e a interpretação de Raúl de Carvalho, o único artista que conseguiu encontrar o tom, ou por outra, o meio tom que não era antigo nem moderno, mantendo-o avariado toda a representação.

— Até a escolha dos protagonistas para as duas «versões» foi arbitraria. Então a Eunice Muñoz e o Robles Monteiro não estariam muito melhor enquadrados no «Frei Luiz de Sousa 1943»?

— Maria Lalande teve outro grande triunfo na sua carreira. Aquela cena patética do final do 3.º acto é extremamente bem feita. Em contrapartida, Robles Monteiro foi o «Romeu» de sempre. Um pouco ridículo, um pouco caricato, com aquela voz que tanto lhe serve para o «Frei Luiz de Sousa» representado aos sábados em recitas populares para as classes operárias, como para um «Frei Luiz de Sousa» andrajosamente enroscado a novo estilo.

— Eunice Muñoz é uma estreante. Imitou, o melhor que lhe foi possível, a figura criada por Maria Lalande. Mas aquele othar estático, morto, inexpressivo, com que pretendia traduzir incompreensão, mágoa ou surpresa nada tem que ver com a Maria Lalande, bem entendido...

INCOMPREENSAO

Quando deitará o público de interromper uma peça, aplaudindo esta ou aquela cena que lhe agrada? Pois não compreende que isso apenas prejudica o trabalho dos artistas, obrigando-os a quebrar o ritmo da acção que têm de viver? Nos concertos já se acabou, e muito bem, com esta «moda». Resta, agora, torná-la extensiva ao teatro. Por que não?

MÁ EDUCAÇÃO

Lá por ter pago o seu bilhete, não é justo que o público, mal desce o pano sobre o último acto, desate a levantar-se e a sair, voltando as costas aos artistas que, no palco, agradecem as poucas palmas que se ouvem. Sinceramente: não conlange ver tanta prova de desinteresse por quem tanto se esforçou por agradar?

UM PROBLEMA IMPORTANTE

Segundo um diploma oficial, todo o aluno laureado pelo Conservatório deve ingressar no elenco do Teatro Nacional, pelo menos durante uma época. Por que não se cumpre esta lei, se alguns rapazes e raparigas, de talento indiscutível, têm saído, durante os últimos anos, da nossa Escola de Teatro?

Eis um assunto que havemos de tratar com mais vagar e mais espaço, ouvindo, para isso, quem de direito. Porque, a dar crédito a informações que possuímos, passam-se coisas bastante desagradáveis, a que urge dar remédio para bem do próprio teatro.

críticas no «Diário de Lisboa» deram a Gaspar Simões um lugar de relevo dentro da nossa literatura. Ouçamo-lo:

— Acho sempre bem todas as tentativas que venham rejuvenescer o teatro. A acção de «Frei Luiz de Sousa» é um pouco presa ao tempo, mas como o diálogo é bom e o teatro não é mais do que diálogo, acho bem que se tivesse feito a-nova encenação.

«A TENTATIVA ESTAVA DE ANTE-MÃO FRACASSADA», DIZ LEÃO PENEDO

Leão Penedo é o autor de «Multi-dão» e de «Caminhadas», recentemente aparecida nas livrarias. A nossa pergunta, respondeu com firmeza:

— É preciso não termos preconceitos. A acção de «Frei Luiz de Sousa», considerada a obra-prima do nosso teatro, não conseguiu resistir ao tempo. O espectador, para poder sentir todo aquele drama, tem de se deixar embriagar pela própria atmosfera. Mas nova encenação, tornou esta «fuga» impossível. Não viu a Amélia e o Villaret? Pois até eles andavam por ali, ao acaso, incapazes de sentir o que diziam.

RAMADA CURTO É DE OPINIÃO CONTRÁRIA

O dramaturgo de «Sol Poentes», de «Consciências» e tantas belas obras do nosso teatro, acede, de boamente, a responder ao nosso inquérito.

— Ainda não vi a nova encenação, mas se tudo for bem, estou de acordo. «Frei Luiz de Sousa» é uma grande peça, um grande drama que resiste a todo o tempo. Não há tempo, quando o teatro é eterno!

«A NOVA «VERSAO» APENAS PERDEU NO QUE SE REFERE A INTERPRETAÇÃO», AFIRMA JOÃO PEDRO DE ANDRADE

Juntamente com Casals Monteiro e Lopes Graça, Pedro de Andrade forma a trempe dos críticos teatrais da vanguarda os seus artigos na «Seara Nova». São trabalhos de valor indiscutível, onde a sinceridade anda de mão dada com o inconformismo.

— Quere saber a minha opinião? Estou precisamente a fazer a critica da peça. Mas estou de acordo, de uma maneira geral. Foi uma iniciativa bastante interessante. A nova encenação não fêz perder as qualidades da peça. Se alguma coisa se perdeu, foi apenas no que se refere à interpretação.

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA NÃO ESTÁ DE ACORDO

— Não estou de acordo porque a obra é uma apenas e só pode ser representada como o autor a pensou e não como os outros pensaram por ele.

Foi esta a resposta de Matos Sequeira, o conhecido crítico e olissiponense. Resposta rápida, incisiva, sem tibiezas, com a qual fecha — e fecha bem — o nosso inquérito.



## DUAS «PROMESSAS» DE HA 36 ANOS...

NADA mais interessante do que folhear velhos jornais de teatro. Páginas inteiras cheias de fotografias, de novos nomes, de grandes revelações. Todavia, a maior parte das vezes, os nomes e as revelações tinham carácter tão efémero que, no ano seguinte, já ninguém se lembrava deles. O público e a critica que, num ápice, haviam erguido um novo ídolo, apressavam-se a esquecê-lo com a mesma facilidade com que se esquece uma estrela cadente que risca o espaço com a sua luz de fogo para se extinguir, segundos depois, na mais negra escuridão.

Titulos como estes não era raro aparecerem nos jornais: «Uma grande artista que nasce. O teatro muito tem a esperar do talento indiscutível da nova artista X, que se estreia esta noite no «Príncipe Real». Sonhos, fantasias, um público que aplaude, frenético, entusiasmado. Depois, o esquecimento, o anonimato. Ídolos que não foram além de fantoches, bonecos de entretenimento, que tiveram o nome nos jornais, que receberam flores, bombons e cartas de admiradores, mas que morreram breve, nada deixando a marcar a sua passagem pelos palcos, pelos camarins, pelos bastidores.

Nem um nome, nem uma obra.

As vezes, na sua forma de descobrir nomes e revelações, os jornais também acertavam. Em Novembro de 1907, há pouco mais de trinta e seis anos, anunciavam que duas meninas cheias de entusiasmo e de talento, tinham concluído o curso de arte dramática no Conservatório de Lisboa. Eram elas Maria de Matos e Abreu e Dalila Motilli de Assis. «As duas alunas», diziam os jornais, que se acham já escrituradas em teatros da capital, uma no D. Maria e outra no Avenida, são consideradas, na opinião dos competentes, como duas belas e radiosas promessas da arte nacional.

Quem teve o ensejo de apreciar o talento e finura de interpretação que Maria Matos e Dalila de Assis manifestaram tão exuberantemente no desempenho de «Rosas de todo o ano», não pode deixar de confirmar, de resto, essas lisongueiras previsões a respeito do futuro glorioso das duas novas actrizes.

A profecia apenas se realizou em parte. Maria Matos tem o seu nome ligado à história do nosso teatro. Mas quem se lembra de Dalila Motilli de Assis, a outra menina cheia de entusiasmo e de talento que teve o nome impresso em letras górdas nos jornais?

# DUAS VERSÕES, UMA SÓ PEÇA E UM SO ÊXITO



Camiseiros

Chemisiers



172, RUA AUREA — LISBOA

*Adquira o hábito de visitar a Gravataria Paris*

Shirtmakers

Flemdenschneider

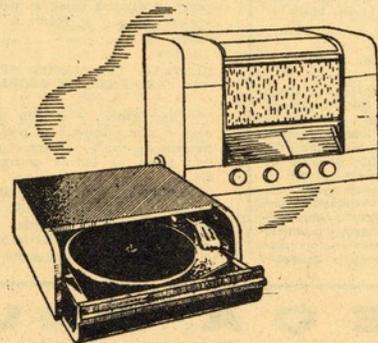
## PELES!!!

SEMPRE AS ÚLTIMAS  
NOVIDADES E CRIAÇÕES  
EM MODELOS, CAPAS,  
CASACOS, GUARNIÇÕES  
E MALINHAS  
COMPRAR NA **Casa  
Paiva**, É TER A  
CERTESA DE NÃO SER  
ENGANADO E A  
AFIRMAÇÃO DE BOM  
GOSTO

### CASA PAIVA

RUA DO OURO, 203

Telef. 25538



## Modernize o seu rádio

Transforme-o num *rádio-gramofone*  
aplicando um discofone eléctrico  
próprio para **REPRODUZIR**  
**DISCOS** através de  
qualquer aparelho  
receptor

Modelos para corrente alterna  
Modelos para tôdas as correntes

Peça uma demonstração nos  
**EST. VALENTIM DE CARVALHO**  
RUA NOVA DO ALMADA, 97



António Soares, por Guilherme Filipe

# LISBOA FALA

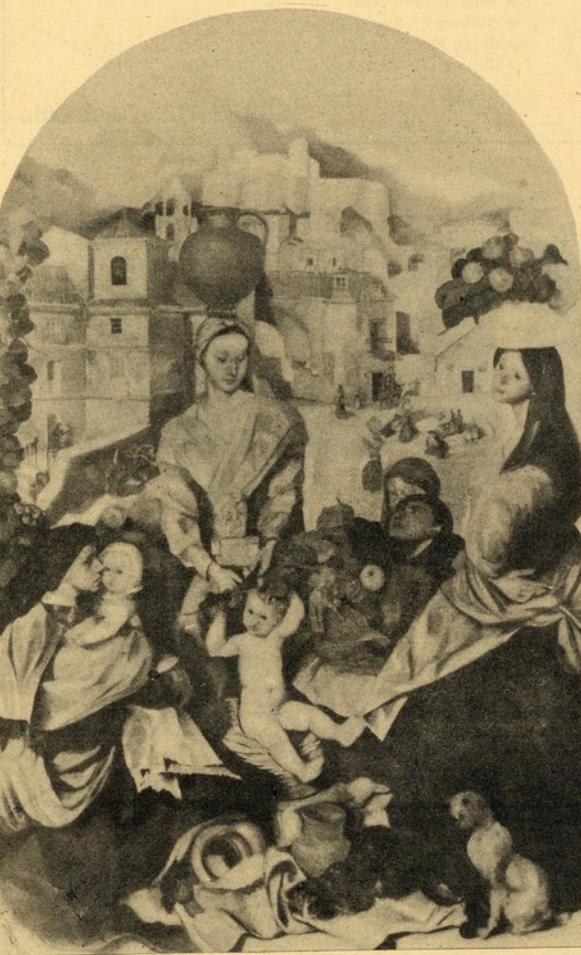
Por ANTONIO SOARES

Nova York em 1939. Na portentosa Lutétia foi classificado com um «Grand Prix» e equiparado como um grande pintor europeu, ao lado de Vlaminck e de Picasso, pela altitude e pela essência da sua qualidade pictural e pelo individualismo da sua pintura.

Lisboa acompanhou o seu universalismo. Olissipo foi o motivo das suas exposições em Paris e Nova York, tem sido o «leit motiv» de numerosos quadros: «Lisboa dos velhos bairros e dos poentes no entardecer», «Recanto da Mouraria», «Rossio», e quantos mais! A cidade fala pela sua obra, funde-se com ela e com ela vive a beleza imortal das suas telas, que já hoje são património da grel, tal é a grandeza cíclica da sua obra de pintor universal.

Nem todos os pintores conseguem dar-nos a totalidade e a essência das suas interpretações plásticas. Outros, pelo contrário, confessam espontânea e legitimamente a *resultante* das suas simpatias e dos seus motivos criadores.

Raras cidades e urbes possuem um Pintor que seja o seu intérprete, o fixador inesquecível do seu amanhã. Lisboa tem nas tintas excelsas e raras de António Soares, o seu arauto, o seu poeta, o cronista cromático da sua hora, o espelho encantado e sortilégio, onde as imagens da nossa cidade comum, vivem e viverão, para sempre, a sua beleza imorredoura. Lisboa fala por António Soares.



«Lisboa», quadro de António Soares

# ARTES

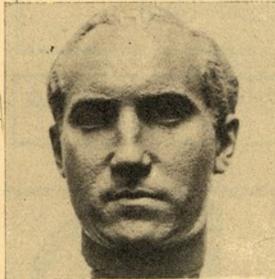
## HORISONTES DA ARTE MODERNA



Martins Correia — Busto da raça



José Farinha — «Máscaras»



Euclides — «O escultor Vasco da Conceição»

salização artística, a consequência da nossa autonomia pictural.

Outras gerações marcam já nomes perduráveis como um Manuel Lima, um Frederico George, um Camarinha, que estão a dois passos, e justissimamente, do Prémio Columbano e denotam na sua obra uma altitude e uma complementação dignas de todos os louvores, ainda os mais exigentes e condicionados.

Decorre o ano de 1943 numa plena ascensão pictural. Definiram-se valores, marcaram-se atitudes, abriram-se horizontes novos na arte não conformistas; desta forma se sente a justa ligação das visitas dos mestres estrangeiros.

Como são difíceis as viagens e a aquisição de livros de arte a maior parte dos nossos pintores ignoram de visu a totalidade e a liberdade da cor e a exigente independência a que chegou a arte de pintar. Na exposição de Arte francesa tinha-se assim a noção de que um novo continente havia sido desvendado a olhos profanos mas ávidos de beleza superior.

Toda a possibilidade da arte lusada tem de ser confinada à estreiteza de meios. Não há entre nós uma assimilação vulgar do valor do artista plástico. Ignora-se mesmo, ou finge-se ignorar, a altitude e a categoria que ele deve possuir na escala social.

Dali o vácuo da nossa compreensibilidade. No entanto, tenhamos confiança nos novos horizontes que se esboçam na pintura e na escultura modernas. Esperemos, confiemos!

Foram premiados Almada, com o Prémio Columbano, António da Costa com o Prémio Sousa Cardoso, Abel Manta, com o de Silva Pôrto, o escultor António Duarte com o de Manuel Pereira, e António Rocha, Euclides Vaz e António Gomes, com prémios nacionais. Revelaram-se individualmente escultores como José Farinha e Vasco da Conceição. Três pintores da florentina cidade de Setúbal marcaram brilhantemente como interpretes da paisagem: Luciano, Celestino e Le Matre.

Como remate, Franco com a estátua equestre de D. João IV e Canto da Maya, numa retrospectiva, elevaram a nossa escultura a uma altitude universal.

O ano de 1943, anuncia a «leda madrugada» camoneana, pela qual ansiam a nossa pintura e a nossa escultura portuguesa, independentes.

Ela virá um dia e então a arte lusitana será, totalmente, uma arte universalista, a esperada Arte de nós próprios.

Confiemos!

Um António Soares, um Viana, um Almada, um Barradas, um Eduardo Malta, um Lino António, um Guilherme Filipe, um Mário Eloy, constituem, conhecidos como o são no estrangeiro e participando em exposições feitas em grandes capitais europeias e americanas, a certeza da nossa univer-

CORREIA DA COSTA

O presente  
que identifica  
a sua personalidade!

**HERMÈS**  
baby



**A mais maravilhosa máquina de escrever portátil!**  
**A máquina mais popular em Portugal**  
**A companheira inseparável da senhora e do homem modernos!**

**Distribuidores em Portugal:**

**Sul: M. Simões Jr., Rua da Conceição, 46, 1.º — LISBOA**  
**Norte: Araujo & Sobrinho, Sucrs., Largo de S. Domingos, 50 — PORTO**

FOLHETOS DE PROPAGANDA TURÍSTICA E COMERCIAL - JORNAIS  
CATÁLOGOS - ESTAMPAS DE ARTE - CARTÕES  
RELOGARIA DE AP. TELEGR. - TELEF. 2411

**NEOGRAVURA, L.TDA.**  
AGÊNCIA GERAL  
R. NOVA DO ALMADA 53-2  
TELEFONE 2 4206 - LISBOA

**COLL TAYLOR, L.<sup>DA</sup>**

R. dos Douradores, 29-1.º  
**LISBOA**

Representantes de:

- ◆ Especialidades Farmacêuticas
- ◆ Produtos Químicos
- ◆ Termómetros e Instrumentos de Precisão
- ◆ Material Cirúrgico
- ◆ Ligaduras, Gaze e Algodão
- ◆ Películas para Raio X
- ◆ Malte e Cânhamo do Chile
- ◆ Tintas Betuminosas
- ◆ Produtos do Alcatrão

**Esclarecimentos a pedido**

VISADO PELA COMISSÃO  
DE CENSURA

**COLAS**  
**Titan**

HONRAM  
A INDÚSTRIA NACIONAL  
As colas **TITAN**  
nunca descolam

Depositários Gerais:

**ACOR, L.<sup>DA</sup>**

403-Rua Fernandes  
Tomaz-405

Telef. 2815  
**PORTO**



**FORMIDÁVEL E COLOSSAL RECLAME!**  
**POR MOTIVO DE TER RECEBIDO NOVAS REMESSAS**

SOBRETUDOS .....	150\$,	175\$,	200\$,	300\$,	400\$,	500\$,	600\$,	700\$,	800\$
GABARDINAS - SOBRETUDOS	170\$,	200\$,	300\$,	350\$,	400\$,	500\$,	600\$,	700\$,	750\$
GABARDINAS DE LÃ .....	300\$,	350\$,	400\$,	500\$,	600\$,	700\$,	800\$,	900\$,	1.000\$
ZAMBRENAS .....	390\$,	400\$,	450\$,	500\$,	550\$,	575\$,	600\$,	620\$,	650\$
CASACOS DE CABEDAL .....	350\$,	400\$,	450\$,	500\$,	550\$,	600\$,	650\$,	700\$,	800\$
CAPAS DE CABEDAL .....	800\$,	850\$,	900\$,	950\$,	1.000\$,	1.200\$,	1.300\$,	1.400\$,	1.500\$

**GABARDINA DE LÃ, COM BANHO DE BORRACHA, SÓ ARTIGO DE 1.ª QUALIDADE**

**GRANDES DESCONTOS PARA REVENDA**  
**ARMAZEM DE LANIFICIOS LINO**

Ninguém compre sem consultar preços e qualidades neste armazém, o maior e mais colossal sortido do País. As melhores marcas do mercado e rigoroso exclusivo das gabardinas «FORMIDÁVEL» e «COLOSSAL» acreditam e honram este armazém  
**CALÇADA DO CARMO, 17, 1.º (esquina da Rua 1.º de Dezembro, ao Rossio)**  
**Telefone 2 2206 — LISBOA**

**PASTA**  
**MEDICINAL**

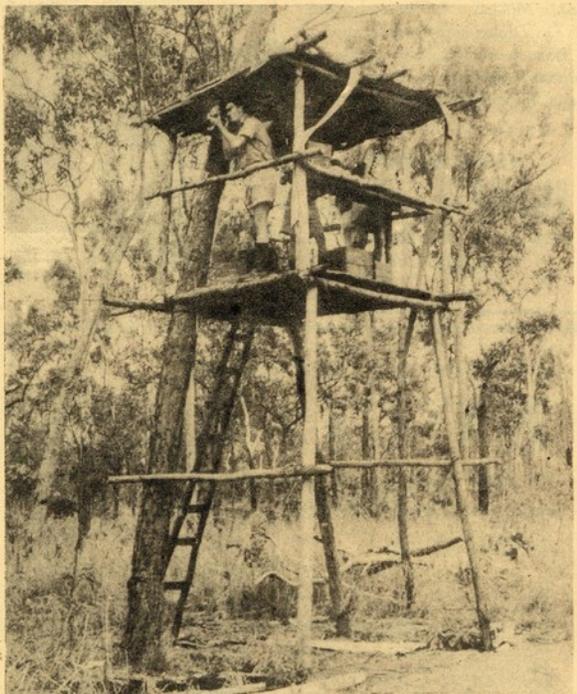
**Couto**

*Evita as doenças  
da boca*

# NOTAS DE GUERRA



Em algumas parts da Grã-Bretanha foram recentemente assinalados intensos movimentos de treino. As operações anfíbias, no género desta, com transportes «Ducks», como estes da foto, mostram-nos que quando Eden afirma estarmos por ferir as maiores batalhas desta guerra — ele não fala por falar. O assalto à Europa deve estar por um triz.



Às vezes, os filmes americanos davam-nos imagens parecidas com esta, onde Turzan aparecia como rei da selva. Mas as coisas hoje passam-se como nas fitas — simplesmente, com mais perigo. Aqui está um posto de controle improvisado num aeródromo da R. A. F. no norte da Austrália!



Na Itália ocupada pelos Aliados, reabrem as escolas: As crianças são agora educadas em novos princípios de solidariedade e estima. Sobre o largo quadro preto, à esquerda — as bandeiras aliadas; à direita — Garibaldi. E, em ambas, as legendas: «Estes são os nossos amigos».

# FIGURA DA VIDA MUNDIAL



FRANZ VON PAPEN — Foi ainda já há 29 anos e talvez nem todos se lembrem de que este diplomata de argúcia excepcional era capitão de cavalaria e adido militar em Washington, quando rebentou a grande guerra. E talvez não se lembrem de que mais tarde o governo dos Estados Unidos o mandou acompanhar à fronteira, com o esclarecimento de que não era pessoa grata ao país. Este, porém, foi um dos poucos grandes reveses de von Papen, que a guerra actual surpreendeu em Ankara, depois de ter sido embaixador do Reich em Viena. Pessoa de confiança de Hitler — chegou a dizer-se que ele acabara por cair no seu desagrado, depois de alguns malogros diplomáticos turco-alemães — assinou o acôrdo da Alemanha com a Turquia, em 1941. Mas, a sua permanência num país em que foi alvo de atentado sério, e que representa uma das grandes encruzilhadas do mundo em guerra — mostra bem que é segura a confiança do homem que ele ajudou a levar ao poder. Von Papen está na Turquia e a Turquia vive permanentemente na atenção de von Papen. Os recentes encontros do Cairo, Teberão e Ankara mostram que as suas últimas viagens a Berlim não foram em momento inoportuno...

# Emprêsa Insulana de Navegação

Carreiras regulares entre:

**LISBOA, MADEIRA E AÇORES.**

**Saídas em 8 de cada mês, para:**

Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico e Faial.

**Em 23 de cada mês, para:**

Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Cais do Pico, Faial, Corvo e Flores (Lagens e Santa Cruz).

Passagens de 1.ª e 2.ª classes trata-se na Rua Augusta, 152—Telefone 2 8659

Carga e passagens de 3.ª classe na Avenida 24 de Junho, 2, 2.ª.—Telef. 20214

**OS AGENTES**

**GERMANO SERRÃO ARNAUD**

*Cultive a alma de seus filhos*

Praticar o «sport», lazer gymnastica, é ótimo para precaver a saúde de seus filhos. Mas ouça um bom conselho:—Cultive-lhes também a alma. A música dorme no coração de tôdas as crianças. Desperte-a. Ter em casa um rádio-receptor ou um gramofone, não basta. É preciso que elas próprias executem a Música. Para êste efeito nenhum instrumento existe como o Piano. Nêle aprenderão a conhecer a verdadeira grandeza da Música e, no futuro poderá V. Ex.ª contar com a sua gratidão.

Encontrará um vasto sortido de pianos verticais, próprios para seus filhos aprenderem, nos



**ESTABELECIMENTOS**

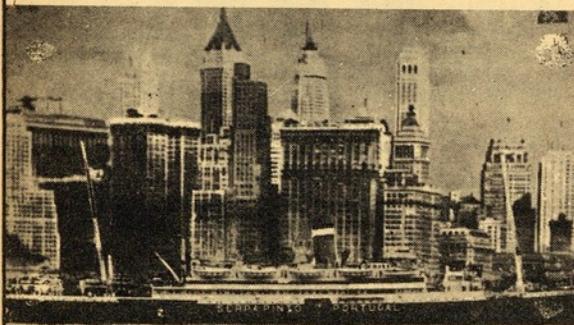
**VALENTIM DE CARVALHO**

Rua Nova do Almada, 97  
**LISBOA**

## COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

Serviço de carga e passageiros

**LINHA RÁPIDA DA CÔSTA ORIENTAL**—Saídas mensais regulares, com escala por: Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Pôrto Amboim, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental.



O paquete «Serpa Pinto»

**LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL**—Saídas mensais regulares, com escala por: Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Pôrto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela e demais portos da Costa Ocidental.

**LINHA DA GUINÉ**

**LINHA DO BRASIL**

**LINHA DA AMERICA**

**ESCRITÓRIOS**

**LISBOA**

Rua Instituto Virgílio Machado, 14  
(à R. da Alfândega)—Tel. 2 0051

**PÓRTO**

Rua do Infante D. Henrique, 9  
Telefone 2 342

**SALÃO DE CHÁ-RESTAURANTE**

**AGUIAR**

*Real desejo  
felizes fes-  
tas aos seus  
Ex.ªs fre-  
gueses*

*A única casa que tem um salão pri-  
vado para Casamentos, Banquetes, etc.*

*Servem-se Lanches e Banquetes*

*Reservam-se mesas para o "Reveillon"*

**17, Rua do Carmo, 19—Telefone 24751**

**LISBOA**

## FABRICA DE LOIÇA DE SACAVEM

**A maior Fábrica de Cerâmica fina da Península**

FUNDADA EM 1580

**Loiça de uso doméstico** — **Loiça de fantasia** — **Loiça sani-  
tária:** Retretes, bidés, lavatórios, etc. (branca, crème, azul,  
verde, preta, etc.) — **Azulejos:** brancos, de côr e pintados  
— **Mosaico Cerâmico:** grande variedade de padrões — O  
pavimento sem rival para cozinhas, quartos de banho,  
— terraços, hospitais, estabelecimentos de venda, etc. —

**ARTIGOS DE 1.ª QUALIDADE**

**Séde e Vendas: Avenida da Liberdade, 49-59**

**LISBOA**

# RITMO NOVO NO CASA PIA A. C.

**O** Casa Pia A. C. atravessa uma curiosa fase de arejamento. A direcção que presentemente o orienta está trabalhando com inteligência e boa visão. Estimulam-se actividades que pareciam não mais interessar à colectividade, reúnem-se valores que andavam um tanto dispersos — sopra, enfim, vento de feição.

Viveiro quasi inesgotável de matéria-prima, tendo por onde escolher para qualquer modalidade, o Casa Pia

## Deve lêr-se Catinana e Idalécio

Os leitores, por certo, que mais dumavez têm ficado embaraçados, ao ler os nomes de Catinana e Idalécio. Uns jornais chamam-lhes *Catinana* e *Idalécio*, outros, *Catinana* e *Idalécio*.

Gerou-se, assim, uma confusão igual, aliás, a tantas outras. Recordamos, por exemplo, o nome do avançado-centro do Sporting, Peyroteo, que fez correr bastante tinta, até esclarecimento definitivo, e bem simples era, da forma de pronunciar o invulgar apelido oriundo do espanhol.

Há ainda o caso do ciclista Aguiar Martins, que durante muitas épocas foi crismado de Martins Aguiar. E muitos outros...

No caso vertente destes dois jovens jogadores do Atlético de Portugal e do Vitória de Setúbal, podemos assentar que o primeiro se chama José Catinana Júnior, que é natural de Cascais, tendo principiado a sua vida de futebolista no Dramático; e que o segundo é Idalécio José Muge, natural de Setúbal, tendo feito os seus primeiros jogos oficiais, no Amora.

Se a confusão subsistir, os jogadores que reclamam!...



José Catinana Júnior, do Atlético



Idalécio José Muge, do Vitória Setúbal

A. C., no que diz respeito à secção de futebol, acabou de tomar interessantes medidas, que denotam da parte dos seus dirigentes, a preocupação de remoçar os elencos representativos da colectividade.

Aproveitando o campeonato nacional da II Divisão, os orientadores casapianos decidiram abstrair-se fundamentalmente dos resultados técnicos para se dedicarem em trazer à categoria principal novos elementos, habituando-os ao ambiente dos jogos grandes — e das grandes assistências.

É um trabalho em profundidade, que como não pode deixar de ser, levará seu tempo a frutificar. Da parte dos adeptos casapianos tem de haver a calma e a paciência necessárias, para suportar os possíveis e compreensíveis reveses que a equipa possa sofrer.

Mas saberá, decerto, muito bem, dentro de duas ou três épocas, ver o Casa Pia A. C., marcar de novo posição de relêvo entre os conjuntos nacionais. Essa esperança de hoje, segura certeza de amanhã, deram-na os habilidosos e jovens futebolistas que há dois domingos tiveram a emoção de, pela primeira vez, vestir a camisola da categoria, onde todos aspiram chegar.

Um pormenor, que deve apontar-se, de importância transcendente: o esforço do C. Pia A. C. vai ser feito com tranquilidade com vista ao futuro, isto é, desapareceu o perigo, — graças à nova regulamentação do futebol português, do clube estar a trabalhar, para outros se aproveitarem depois do que tanto custou a conseguir.

Dadas as suas características especiais, o Casa Pia A. C. é, sem dúvida, um dos grandes beneficiados com a orgânica recentemente promulgada.

## Daqui e dali...

Recebemos algumas cartas de aplauso à doutrina exposta no penúltimo número, quanto à deslocação de pugilistas portugueses ao estrangeiro. Uma delas, extensa e recheada de magníficos conceitos e opiniões, é do antigo campeão de Portugal, amador, Basílio de Oliveira, que conheceu muitos «rings» estrangeiros e sabe o que é «box». Próximamente, referir-nos-emos com mais vagar à curiosa missiva. Há ali coisas que os profissionais deveriam aprender...

\*\*\*

Regressaram a Lourenço Marques três dos pugilistas que há meses vieram de longada até à capital, convictos de que havia por cá uma mina...

Afinal, não passa de um filão pequenissimo, que só de tempos a tempos se dilata, (em especial no verão...) e dá «qualquer coisa», rija mente disputada pelos «mineiros» que por ali existem...

Devem ir pensando certamente com os seus bolões: o futuro do «box», continua a estar nas... Colónias...

\*\*\*

Joaquim Leite, comodoro do Clube Naval de Lisboa, foi homenageado na última semana, por ter completado 50 anos de sócio. Foi uma festa interessantíssima, que reuniu um grupo numeroso de antigos sócios, com serviços importantes prestados à colectividade.

Joaquim Leite evocou belos tempos, e com a sua palavra, deu a ordem de estímulo a muitos novos!... Cumprimentamo-lo.

# DESPORTO

## UM CARTÃO QUE SE RASGA...



Sérgio Duro Barbosa do Casa Pia

Noutro local desta página, fazemos referência à renovação por que está passando o Casa Pia A. C.

A propósito dessa iniciativa que num futuro próximo deve proporcionar ao clube positivos benefícios deu-se no penúltimo domingo, antes do Jogo Casa Pia-Operário, para o campeonato Nacional da II Divisão, um caso que revela da parte do seu protagonista, muita precipitação e pouca compreensão das realidades.

O jogador Sérgio Duro, interior-esquerdo titular do C. P. A. C., embora não tivesse sido convocado, apareceu na cabine aprestando-se para se equipar. O treinador, porém, comunicou-lhe que não jogaria, visto que iam ser feitas algumas experiências no grupo, uma delas no lugar de interior-esquerdo.

Sérgio sentiu-se possivelmente diminuído e irreflectidamente proclamou acto contínuo, que não jogaria mais. E como para dar força à sua afirmação, mesmo na presença dos seus directores, rasgou o cartão de jogador — attitude que não é inédita entre os futebolistas, infelizmente!...

As possíveis consequências do seu gesto — sem dúvida indisciplina-

plinado — não nos compete, nem interessa prever.

Importa-nos, sim, apontá-lo ao jogador — e a todos aqueles que porventura possam ler pela mesma cartilha — como um mau serviço prestado ao clube. A noção do espírito clubista e da dedicação, traduzem-se de outra forma.

A «compreensão» é na maior parte das vezes a mais sincera dedicação. Compreender que o clube carece de valorizar-se e que para isso é indispensável substituir, alterar, no sentido de dar nova seiva a um organismo que vale pelo conjunto de todas as suas partículas, é afirmar noção elevada de amizade pela colectividade.

O despeito nem sequer deve ser remotamente admitido. E a ideia de que a virilidade se mantém perene, é outro erro lamentável em que se cá.

Tudo se renova. Os quadros da actividade, seja em que campo fór; os pensamentos, o sistema de trabalho, numa marcha constantemente evolutiva, na qual a vida afinal é a primeira a sentir-lhe a acção pelo contributo diário em suprimir o próprio Homem do seu caminho e a substituí-lo por Outro.

Pensamos que Sérgio Duro, o mais antigo casapiano em actividade no seu grémio, já percorreu retrospectivamente os seus quinze anos de bons serviços ao C. P. A. C., e neles encontrou razão de sobra para fazer actô de contrição, e hoje, amanhã, ou em qualquer altura, estará presente à chamada do seu clube. Presente, para qualquer coisa, que signifique servir.

As nossas palavras, de resto, não envolvem uma censura. Apenas podem valer como uma tese, que é necessário difundir, de que a verdadeira dedicação clubista não se filtra somente pelo esforço atlético, mas pela attitude equilibrada, sensata e calma, que um desportista possa tomar, tendo como base a compreensão dos interesses colectivos, dos quais é um obreiro e nunca um todol!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

## ...E FOI ASSIM QUE LEVY PERDEU COM MICÓ...



Beni Levy: 62<sup>tes</sup>,00 — Campeão de Portugal.  
José Micó: 60<sup>tes</sup>,500 — Campeão da Catalunha.  
Primeiro assalto: foi nulo.  
Segundo assalto: de Micó.  
Terceiro e quarto: de Beni Levy.  
Quinto assalto: de Micó, que ao dirigir-se para o seu canto foi largamente ovacionado.  
Sexto assalto: de Micó.  
Sétimo assalto: nulo.

No oitavo assalto Beni Levy sai decidido do seu canto, mas o ataque que inicia malogra-se por uma irregular entrada com a cabeça. Micó defende-se muito bem, anulando completamente a direita do português que, apesar dos seus esforços, não conseguiu encontrar o ponto fraco de Micó... E este domina, castigando duramente o rosto de Levy com a «esquerda». O campeão de Portugal sangra do nariz.

Final: uma grande ovação para Micó quando o árbitro lhe atribuiu a vitória por pontos.

Interessante pejeja — dizem os jornais espanhóis — em que Beni Levy também hubo grandes aplausos!...



**DAVID  
DA  
SILVA  
LTD A  
CAMISEIROS**  
271 Rua do Ouro 275

**TELG. DA SILVA  
TELE. 21817**  
**LISBOA**

Apresenta os mais lindos  
brindes para o Natal

Gabardines, camisas e artigos  
de lã para homem e senhora

Uma Enciclopédia Popular

## BIBLIOTECA COSMOS

Sob a Direcção do Prof. Bento Caraça

Divididas em 7 secções:

CIÊNCIAS E TÉCNICAS  
ARTES E LETRAS  
FILOSOFIA E RELIGIÕES  
POVOS E CIVILIZAÇÕES  
BIOGRAFIAS  
EPOPEIAS HUMANAS  
PROBLEMAS DO NOSSO TEMPO

Todos os conhecimentos humanos  
são tratados em pequênos volumes de  
128 páginas.

Peça ao seu livreiro, em qualquer  
ponto do país, um catálogo de

**EDIÇÕES COSMOS**  
Rua da Emenda, 111, 2.º — LISBOA

## A MAIS LINDA NOITE DE NATAL

(Continuação da pág. 32)

E, lá em cima, está Nicole...  
O médico, sem saber que fazer,  
olha os dois frascos tão parecidos.  
Que há-de decidir? Telefonar para  
Cahors?

O pósto telefónico vai ser encerra-  
do. É noite de Natal, todos têm direito  
a consoar...

E, depois, como poderia o farmá-  
cêutico identificar o remédio, através  
do fio?

Faz uma análise? Não tem tempo nem  
elementos para o fazer. Porque o mal  
avança e cresce, lá em cima, no qua-  
rto, e nem haverá tempo de voltar a  
Cahors...

M. Philippe subiu rapidamente ao  
quarto de Nicole, onde Martha, debu-  
lhada em lágrimas, reza à Virgem e  
a todos os santos.

Jacquou desceu. Toma um dos  
frascos, desarrolha-o e, antes que o  
médico tenha tempo de o deter, bebe  
um grande gole.

— Como vê, é tão simples!  
— Que fazes? Estás doido! Por que  
fizeste tu isso?

— Por quê? Mas que lhe importa  
viver, se Nicole pode morrer?

Experimenta agora uma calma ex-  
traordinária. Ele bem sabia que para  
alguma coisa tinha ido àquela casa.  
Se os seus braços musculosos nada  
podiam para afastar o mal, outros  
meios existiam para o conseguir.

O médico olha-o. Ele não pode fa-  
zer nada por Jacquou. Se bebeu o ve-  
veno, nada há a fazer. Não, nada  
tem para fazer...

Agora, estão ambos ao lado de  
Jacquou.

— Eu é que devia ter felto isto... —  
murmura o pai.

— Não — diz Jacquou — eu amo-a!

Um arrepió lhe percorre o corpo  
todo. Tem a certeza de que vai mor-  
rer. Se assim não fosse, teria tido  
a audácia de dizer uma coisa dessas?

Agora, não sente nenhuma angús-  
tia. É feliz. Nicole salvar-se-á. E será  
ele quem a salva.

— Que sentes? — pergunta o mé-  
dico.

— Nada... Um pouco de frio...

Muito frio... É da neve...

— Noite de Natal — murmura M.  
Philippe.

— A mais linda da minha vida...

Mas o médico exclama:

— Deus seja louvado!

Jacquou não morrerá. A Providên-  
cia soube guiar-lhe a mão. O líquido  
que bebeu não é veneno! Poderá agora  
ser dado a Nicole sem medo algum.

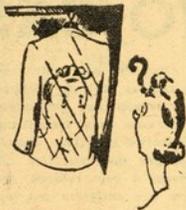
— Jacquou! — grita M. Philippe,  
apertando-o nos braços — eu não sei  
que dirá ou fará Nicole... Mas eu...  
eu, tu bem vês!...

## CONHEÇA A VELO- CIDADE DO SEU CÉREBRO

RESPOSTAS

- Charlotte Brönte.
- Quatro.
- Nove.
- Berne.
- Calças, casaco, camisa, chapéu,  
carteira, cinta, combinação, chine-  
las.
- Branco com listas pretas.
- Ninguém. Ela é que matou Murat.

**LUSTROSO  
como um espelho...**



...está o fato de seu marido  
porque V. Ex.ª não o limpa  
com o

## Casulo LIMPA-FATOS

notabilíssimo produto que  
elimina por completo o  
**LUSTRO E AS NÓDOAS  
DA ROUPA**

O CASULO LIMPA FATOS  
dá aos seus fatos novo  
apresto. Ficam como se  
viesses do alfaiate e com  
maior duração.

Tira-lhes o lustro, as nó-  
doas e o mau cheiro, desin-  
fecta e limpa.

É um produto maravi-  
lhoso, fabricado com 6 subs-  
tâncias químicas diferentes  
e inofensivas que actuam  
sobre os tecidos renovan-  
do-os.

Cada pacote custa apenas  
2\$800 e dá para 1 litro de  
soluto.

Em todas as dro-  
garias do país.

Revenda:



**SCHROETER  
& ALMEIDA**

R. da Madalena,  
128-2.º — Lisboa

## ÁGUA — DE KIORA

Limpida,  
gasificada  
e digestiva

Das melhores a melhor

**Refrigerantes  
KIORA**

Se os provar prefere-os  
PEÇA em toda a parte

## BAZAR LONDRES

184-Rua Sá da Bandeira-185  
Telefone 2306 — PORTO

\\  
**Brinquedos,  
Perfumarias  
e Artigos de Sport**

**CARROS E CA-  
DEIRAS PARA  
CRIANÇA  
AUTOMÓVEIS,  
BICICLETAS  
E TRICICLOS**

## «POEMAS DE DEUS E DO DIABO», de José Régio



Nesta casa modesta de Staraya-Russa escreveu Dostoiévski a sua obra decisiva: «Os Irmãos Karanczoff» — e até lá chegou a devastação da guerra estilhaçando-lhe os vidros. Nessa pequena cidade ao sul do lago Ilmen, que durante o verão se animava como praia atráente e fresca, viveu o grande gênio da literatura russa durante oito anos, morrendo um ano depois de deixar esta casa que foi transformada em museu, encontrando-se ainda na fachada uma lápida que reza assim: «Aqui viveu o escritor Fedor Mikailovitch Dostoiévski, de 1872 a 1880».



Os interiores da residência de Dostoiévski foram conservados fielmente como o angustiado e trágico escritor os deixou. Não se deslocaram os objectos de utilidade ou adorno, exceptuando os casos exigidos pela conservação duradoura. E é ainda o mesmo ambiente penumbroso, triste, recolhido, na luz incerta de um misticismo refluído para a vida interior que se reconhece neste aposento desordenado.

DEZÓITO anos demorou a esgotar-se este primeiro livro do grande poeta das «Encruzilhadas de Deus» — desde 1925 até agora, em que a Portuguesa Editora apresentou segunda edição completa e seguida dum prefácio. Este facto é todo um símbolo do meio literário português, confundido no culto de deuses com pés de barro, inundado de vulgaridades e tão lastimosamente destituído da noção autêntica dos valores que o génio parece rastejar, na opinião comum.

E, no entanto, que diferença clamorosa e sugestionadora entre estes versos também confessionais, mas fulgurando realidades épicas da alma humana, e as pobres confissões íntimas e sentimentais banais, sem carne latejante e sem angústia sincera, a que se reduz quasi todo o nosso lirismo circunstancial...

Por hábito do mediocre, muita gente se habituou a ver na poesia lírica uma forma de decorativo da sentença, em que os versos se tornam cantares da desocupação, artificiosos e banalidoso verbal ou extravasamentos catórticos da melancolia. O modernismo, desde as suas primeiras revelações chicheoteu com êxito esta ilusão decadente; mas só com José Régio é atingido de facto a culminância de sinceridade e perfeição expressiva que marcou o seu definitivo triunfo.

Sei bem que não peço por exagero e imprudência retórica afirmando que Régio constituiria só por si — e talvez constitua na verdade, perante o futuro — toda uma época da nossa poesia. Pela primeira vez e com génio inexecidível ele exprimiu na nossa lingua o duelo trágico da identidade e da fereza inata do homem — um ser consumido entre as alturas e a abjeção, «apodrecendo à luz dos astros»; pela primeira vez encontramos na nossa poesia a erupção sincera do sub-consciente, a verdade do sonho, a realçada potência psicológica das línguas, o medo das velhas antigas crenças, o medo das velhas superstições infantis transfigurado na alma aberta do homem maduro perante as desarmonias da vida.

Foi tudo isso que os «Poemas de Deus e do Diabo» vieram trazer ao lirismo português nas formas veementes e trágicas, erequentadas e selvagens, de versos como nunca se tinham lido. E por muito tempo ressoou num vácuo, num silêncio impassível, esta voz fora do tempo, evadida do espaço comum, que proclamava ante os homens os dramas eternos da sensibilidade e da inteligência, arrostando todo o trágico da vida, as quedas, os êxtases, os fantasmagóricos, o seu caminho entre clarões e trevas.

Perante estes poemas de José Régio e muitos dos que se lhes seguiram, a

primeira e única coisa a experimentar por um espírito verdadeiramente vivo e sincero era a sensação do admirável. Só depois disto — e então com a legitimidade da compreensão afirmada — seria possível fazer o exame crítico de uma obra do poeta em que quasi tudo é insuperável.

Talvez seja cedo ainda, todavia, para observar nela com perfeito acerto as duas problemáticas fundamentais: isso a que um Jovem e maturo crítico devoto, também devoto desta poesia doradoura, chamou o aceno de Deus na obra de José Régio; e a proximidade ou distância real em que o seu conteúdo psicológico se encontra da humanidade concreta do nosso tempo, que é também — embora por vezes pareça custoso pensá-lo assim — o tempo do poeta.

Quanto à primeira, já os «Poemas de Deus e do Diabo» nos revelam o contraste dilacerante entre uma concepção do mundo como «ceito de terra, cinza e pó» e o que o poeta chama «o meu orgulho doido, a minha fé», contraste de que surge, muitas vezes entre angústias e repulsas, o apelo ao transcendente e ao sobrehumano. Quanto à segunda, é preciso entender ainda com mais largueza essa proclamação febril em que José Régio condensa e anuncia o seu papel entre os homens actuais e viventes:

«EH, camaradas, oust!  
Que eu vou dizer-vos quem sois  
Pois vou dizer-vos quem sois».

E na verdade exprimem muita mais realidade humana, positiva angústia, verdade actual e eterna dos seres sequeiros de justiça estes versos de revoltosa vida interior, do que as afirmações frias de intuits executivos sem o calor da compreensão ardente.

Se alguma coisa há que definir em José Régio sob este aspecto é o que é próprio chama com razão o seu «objectivismo psicológico» (no prefácio inteligentíssimo a estes poemas). Para o atingir, porém, é preciso ser capaz de conhecer o valor universal de certas experiências individuais. Só assim se compreenderá que não existem de facto egocentrismo e subjectivismo exclusivos em Dostoiévski, Amiel ou Ostrowski; que existem de facto expressão psicológica e universalização das experiências íntimas em Gorki, Barbusse, Malraux, Ilya Ehrenburg ou Ramon Sender.

«E a turba chega  
São meus irmãos

... ..  
E o meu ser todo se lhes entrega».

É este encontro que urge estabelecer com José Régio perante os seus livros de intensa e real humanidade.

ALVARO SALEMA

## 10 minutos com CASAIS MONTEIRO

A actividade intensa d'este escritor essencialmente combativo — ainda mesmo quando julga o contrário — tem prejudicado, decerto, a evolução da sua obra pessoal. Nem por isso é menos importante a influência do seu jornalismo literário, mesmo quando demora a publicação das suas obras definitivas de ensaísta e de poeta. É isso o que mais sobleva nesta rápida entrevista.

Teremos para breve algum livro seu? Constatou-nos que a reunir em volume as suas criticas...

— É quasi isso... Penso, com effeito, juntar num volume certo número das criticas que tenho feito; mas, bem vê, eu não sou um critico profissional, e só tenho exercido a critica acidentalmente, digamos assim. Um volume feito com ellas daria um panorama demasiado fragmentario da nossa actividade literaria. De modo que penso apenas junta-las a uma serie de ensaios e artigos; assim, serao uma especie de exemplares para documentar estas, e já ninguém terá, quero crer, a ideia de se queixar por ser esquecido. Mas estou afinal a falar-lhe dum projecto, quando lhe posso anunciar a saida, muito breve, dum estudo sobre o poeta brasileiro Manuel Bandeira, que sai nos «Cadernos da Inquerito»; a «Inquerito», igualmente, vai publicar o volume em que rebo os meus tres primeiros livros de versos, e «Versos» se chamará,

mau grado os que entendem que os meus versos são prosa... E se quere uma novidade fresquinha, posso desde já anunciar-lhe que, por suggestão de Ribeiro Couto, estou a trabalhar com elle numa antologia da moderna poesia do Brasil. Poucas coisas me podiam dar mais prazer do que contribuir com algum esforço para que essa admiravel poesia seja melhor conhecida entre nós. Além disso, claro, há as traduções. E o pão nosso de cada dia. Estou a traduzir a «Cartucha de Parma», de Stendhal, ao mesmo tempo que dou a última demão ás provas do 1.º volume das «Obras Completas» de Platão, há tanto tempo anunciadas pela «Inquerito», como sabe. Já que os helenistas dormem, nós, pobres homens que não sabemos grego, temos que emprender, por amor da cultura, o que outros já deviam ter feito há muito tempo, quando mais não fosse por honra da firma.

— E a sua actividade de critico? Li que deixou de dirigir a «Página Literaria» do «Diário Popular», mas que continuará a ser o critico literario d'esse jornal.

— Talvez fosse melhor não falarmos nisso... Não, neste momento sinto-me desanimado demais para continuar; bem vê: enquanto dirigi a «Página Literaria» do «Diário Popular», pude optar entre o artigo e a critica, e foi sempre com prazer que a abri a escritores como Albano Nogueira, Guilherme de Castilho, e o

recém-revelado Franco Nogueira, para alternarem comigo na redacção das notas de critica. Entendo isto preferivel à critica exercida só por um; não lhe parece? Agora, teria de ser o unico critico... Prefiro trabalhar em conjunto, e com aquelles que sei quem são e o que valem. E, depois, tenho tanto medo ás más companhias... Mudemos de assunto, sim?

— Mas acha esse trabalho em conjunto útil só na critica, ou também noutras formas da actividade literaria?

— Conforme... Contudo, duma maneira geral, entendo que não há verdadeira actividade literaria quando se vive isolado. Não há nada como sentir-se solidario, empenhado num esforço comum, por tudo o que toca à critica, ao romance, ao teatro. São formas de criação em que o escritor não fala só por si, em que sente, por força, à sua volta, a pressão da vaga que avança com elle...

— Mas não lhe parece que estamos numa época contraditoria, de esforços d'esse genero? Há mais que uma vaga... Mas confio em que a vaga dos idiotas, a dos conformistas, e outras que tais, acabe por se desfazer em... espuma. Como poderia eu lutar por uma critica sã, por uma literatura do homem e para o homem, pela dignidade d'uma cultura que não seja uma máscara, mas a expressao real e profunda d'uma vontade de superar



este abismo da indiferença e do desánimo, que foi sempre o maior perigo da nossa vida intelectual, se não estivesse convencido de que a seriedade, o escrúpulo, o esforço perseverante e vigilante, haviam de levar de vencida o eremitismo literario de tanto pedante, d'esses que vêm na literatura apenas um meio, só para terem o nome nas gazetas... ou um lugar chorudo em paga do talento? Quem poderia escrever, se não estivesse convencido de que alguma coisa há a fazer? Operações de limpeza é o que se precisa, meu amigo, como se diz nos comunicados de guerra.

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

### A RÉPLICA DOS SOVIETES

A atitude da U. R. S. S. perante a decisão alemã de invadir o seu território foi definida num discurso radiodifundido do Comissário do Povo para os Negócios Estrangeiros, Molotov, o qual foi proferido pouco depois do meio dia de 22 de Junho. Nêsse discurso, Molotov afirmava o seguinte:

«Hoje, pelas 4 horas da madrugada, sem qualquer razão plausível apresentada junto do governo soviético e sem qualquer declaração prévia de guerra, as forças militares alemãs invadiram o nosso país, atacando em vários pontos da fronteira realizando ataques aéreos contra algumas das nossas cidades, especialmente contra Zhitomir, Kiev, Sebastopol e Kaunas. Mais de duzentas pessoas ficaram mortas ou feridas, em consequência desses ataques. Os vôos da aviação inimiga, bem como o fogo da sua artilharia, partiram de território finlandês e de território romeno.

«Este ataque inesperado contra o nosso país não tem exemplo na história dos povos civilizados. Esse ataque produziu-se, apesar de ter sido assinado um pacto de não agressão entre a Alemanha e a Rússia. Por nossa parte, não faltámos ao cumprimento de nenhuma das cláusulas desse pacto. Toda a responsabilidade, pelas consequências do ataque recai, por consequência, sobre os chefes da Alemanha nazista. Depois de êle se ter iniciado, o embaixador alemão, von Schulenburg, entregou-me, pelas 5,30 da madrugada, uma nota redigida pelo seu governo na qual êste afirmava que o ataque contra o território da União Soviética era consequência das concentrações de tropas russas junto da fronteira que separa os nossos dois países.

A verdade é que, até ao último minuto, o governo alemão nunca fez perante nós qualquer reclamação a êsse respeito, nem chamou a nossa atenção para o facto que agora invoca como havendo determinado a sua atitude. Foi isto mesmo que respondi ao embaixador alemão. A despeito da atitude pacífica da Rússia, a Alemanha resolveu atacar-nos. Ficará portanto com a responsabilidade da agressão militar.» Assim a declaração de Molotov acentuava a qualidade de potência agressora que imputava ao Reich e fazia avultar essa circunstância, por motivos políticos que oportunamente deveriam produzir as consequências previstas no terreno diplomático.

### A ORDEM PARA COMBATER

A declaração radiodifundida de Molotov, feita em nome do governo soviético, continuava nêstes termos:

«As alegações alemãs sobre pretensas violações do seu território cometidas por soldados russos e as proclamações radiodifundidas pelos romenos, nas quais se invocam ataques da aviação russa, são mentirosas e constituem simples e calculadas provocações. Isto mesmo pode dizer-se da proclamação que Hitler dirigiu esta manhã às suas tropas.

O governo soviético, continuava Molotov, deu ordens categóricas às nossas forças armadas para combaterem o invasor e não consentirem que êle se instale ou ocupe a mais pequena parcela do território russo. A Rússia é assim obrigada a fazer uma guerra que não foi desejada, nem pelos trabalhadores, nem pelos intelectuais alemães, mas pelos dirigentes actuais da Alemanha. O governo soviético está firmemente convencido de que as nossas forças armadas saberão responder condignamente a êste apêlo. Não é a primeira vez na sua história que o povo russo se vê obrigado a defrontar o invasor.

Quando Napoleão invadiu a Rússia, a nação respondeu-lhe com a guerra nacional. Napoleão conheceu a derrota e o exílio. A mesma coisa acontecerá ao invasor de hoje. O nosso exército e o nosso povo saberão, desta vez, conduzir uma guerra vitoriosa para a nossa pátria, para a sua honra e para a sua liberdade. O governo soviético está firmemente convencido de que toda a população do nosso país, os trabalhadores e os intelectuais, as mulheres e os homens, saberão agir com uma compreensão exacta dos seus deveres nesta hora decisiva. O nosso povo está unido e decidido, como nunca esteve, em período nenhum da sua história. O governo conta, por isso, com todos os cidadãos, homens e mulheres, que habitam a União Soviética para fazerem esta guerra até uma decisão vitoriosa.» O discurso era simultaneamente, uma explicação e um apêlo. Veremos a seguir o que significava a explicação e quais eram os fins com que o apêlo era dirigido à totalidade da nação russa, sem quaisquer distinções ou diferenças.

### A GUERRA NACIONAL

A entrada das tropas alemãs em território russo dava ao governo de Moscovo um pretêxo para transformar a guerra, que ia iniciar-se, numa guerra de tipo nacional como a Rússia conhecera várias outras no decurso da sua história. O governo soviético sabia que, quaisquer que fôsem as divergências que separavam a população, e essas divergências eram extensas e profundas, e qualquer que fosse a oposição que o exercício prolongado do governo por uma classe tivesse suscitado no país, o povo russo colocaria, acima de tudo, a defesa do território nacional invadido. Não era por acaso que no discurso de Molotov figurava uma alusão calorosa às guerras napoleónicas e à vitória russa de 1812. O regime soviético filiava, assim, a sua atitude actual nas raízes da história, procurando identificar-se com a nação.

Em segundo lugar, o governo soviético apresentava a Rússia como vítima duma agressão não provocada. Esta circunstância não era indiferente para as reacções externas que o ataque de 22 de Junho ia provocar em certos países, o principal dos quais era os Estados Unidos da América do Norte. A Grã-Bretanha, já envolvida na luta, saudaria a resistência russa como a contribuição dum aliado que surgia providencialmente, numa hora em que a série dos seus aliados continentais parecia esgotada. Mas o caso dos Estados Unidos, ainda fora da luta e vivendo sob a influência duma forte corrente isolacionista, era, como veremos, completamente diferente.

A primeira circunstância a que nos referimos, levou os russos a fazerem a guerra de defesa nacional, sem distinção de crenças ou de convicções, que o Comissário do Povo, Molotov, pedia no seu discurso. Pela primeira vez, em circunstâncias idênticas, não se revelaram em certas regiões cujas tendências separatistas são tradicionais, como nas províncias do Báltico, e noutras que sem-



Winston Churchill



As tropas alemãs avançam e atacam assim aldeias russas.

pre mantiveram com os alemães, especialmente em tempo de guerra, relações estreitas, como é por exemplo o caso da Ucrânia, levantamentos que seriam susceptíveis de diminuir o esforço de guerra da Rússia. Esse facto verificou-se com frequência durante a guerra de 1914-18 e era de esperar que voltasse a verificar-se, logo que as tropas alemãs penetraram, em 1941, no território soviético. A verdade é que ele se não verificou e essa circunstância não deixou certamente de influenciar o decurso da campanha da Rússia pelo menos nas suas primeiras fases.

## OS FACTORES POLÍTICOS

Apresentando a Rússia como vítima dum ataque não provocado, o discurso de Molotov tinha um objectivo político de grande alcance. Pretendia mobilizar, a favor do seu país, a opinião pública das nações anglo-saxónicas em todo o mundo, na Grã-Bretanha, nos Domínios e especialmente nos Estados Unidos. Esse objectivo político seria alcançado simultaneamente por motivos de ordem militar, de ordem diplomática e de ordem sentimental.

O caso da Grã-Bretanha era o caso dum país que, naquele momento, precisava mais do auxílio estranho do que estava em condições de prestar imediatamente o seu próprio auxílio. Além disso o comunismo russo via, em relação ao futuro, todos os inconvenientes que, para a sua ortodoxia, resultavam duma aliança com o capitalismo britânico. Essa aliança, nas condições em que se produziu, aparecia principalmente justificada pela necessidade em que a Rússia se encontrava de defender o seu território duma invasão estrangeira.

O caso dos Estados Unidos, como dissemos, era completamente diverso. Os Estados Unidos constituíam, com os seus recursos e com o seu potencial militar que então começava a afirmar-se, a grande reserva do futuro. As suas matérias primas, a sua população, os seus produtos agrícolas, a sua posição geográfica, equivalendo praticamente à invulnerabilidade, a sua indústria de guerra, a sua aviação e a sua marinha de guerra, o seu exército que se formava sobre a base do recenseamento obrigatório, recentemente decretado, eram tantos outros elementos que faziam da solidariedade americana um factor decisivo da guerra. Era para esse somatório de elementos que Molotov, principalmente, apelava ao proclamar o ataque do Reich como a razão essencial que forçava o seu país a fazer a guerra.



## A REACÇÃO BRITÂNICA

Vamos ver como jogaram, imediatamente, esses factores no plano político e diplomático guardando,

Molotov, commissário do povo para os Negócios Estrangeiros da Rússia

para mais tarde, a análise das reacções sentimentais provocadas no mundo anglo-saxónico pela entrada das tropas alemãs em território soviético.

A reacção britânica foi o que não podia deixar de ser: a oferta duma aliança que serviria muito mais no futuro do que no presente, mas que mesmo assim, se revestiu dum incontestável significado diplomático no momento em que a oferta se produziu. Essa reacção apareceu expressa numa alocução radiodifundida do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, feita para todo o mundo na noite de 22 de Junho.

«Desejo falar esta noite mesmo, dizia o sr. Churchill, porque vamos entrar numa das fases mais importantes da guerra. Na primeira destas viragens, há um ano (facto curioso a entrada das tropas alemãs em território russo coincidia com o aniversário da derrota da França), a França caiu prostrada e nós tivemos de ficar sòzinhos fazendo face à tempestade. A segunda viragem foi quando a R. A. F. bateu a Luftwaffe na batalha de Inglaterra, afastando da nossa ilha a ameaça da invasão nazi. A terceira viragem verificou-se quando o Presidente e o Congresso dos Estados Unidos promulgaram a lei de Empréstimo e Arrendamento, dedicando dois mil milhões de libras da sua riqueza colectiva à nossa própria defesa. Estas foram as três primeiras fases. A quarta iniciou-se hoje quando Hitler atacou e invadiu a Rússia, pelas 4 horas da madrugada.»

Assim o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha entroncava a invasão do território russo no processo evolutivo da guerra iniciada em Setembro de 1939, quando a Alemanha e a U. R. S. S. tinham acordado na celebração dum pacto de amizade e partilhado o território da Polónia pelo segundo tratado de Brest-Litovsk, depois das forças polacas terem sido rapidamente derrotadas pela Wehrmacht.

## DO MAR BRANCO AO MAR NEGRO

«A Alemanha não tinha feito qualquer reclamação sobre a falta de cumprimento, por parte da Rússia, do pacto de não agressão de 23 de Agosto. Entretanto, continuou o sr. Churchill, os exércitos alemães, com o seu imenso poderío acumularam-se ao longo da linha que se estende do Mar Branco ao

(Continua na pág. 28)



Kiev, uma das primeiras cidades a ser atacada pelas tropas do Reich.

# TITO OU MIHAILOVITCH?

(Continuação da pág. 5)

1928. Foi um crime fatal para os destinos do país.

A segunda fase é dominada pela figura do rei Alexandre, talvez a personalidade mais marcante da moderna história jugoslava, um homem nascido para reinar, com um critério internacional claro e incorruptível. Tentou remediar a confusão em que a morte de Raditch lançou o país, estabelecendo um Estado unitário e ditatorial, que se lhe afigurava aconselhável em virtude do perigo do exterior. A ditadura atravessou várias fases civis e militares, mas não conseguiu solucionar o problema serbo-croata, e só na iminência da guerra é que o Governo de Belgrado concluiu um acordo com o Dr. Matchek, chefe dos croatas.

Uma das razões da catástrofe militar de 1941 consistiu na evolução



interna. Uma facção croata, chefiada por Pavelitch, abandonara o partido de Matchek, pretendendo realizar os seus desígnios políticos pela violência. O assassinio do rei Alexandre foi uma das consequências. Era natural que os sérvios reagissem. Mas, não era o povo croata que perpetrava os actos terroristas, eram os «ustachis» de Pavelitch, que em 1941 subiram ao poder, e que, em seguida, realizaram chacinas em massa, a que sucumbiram até à data 650.000 sérvios, que naturalmente são duramente vingados por Mihailovitch.

Seria em vão se tentássemos discriminar neste pequeno estudo todos os factores que, no momento actual, dominam a situação da Jugoslávia. Resta-nos constatar o seguinte: sérvios, croatas e eslovenos permaneceram povos agrários sãos. E de espe-

rar que venham a recobrar ânimo das sangrias desta guerra e sepultar os seus ódios fraticidas, depois da expulsão dos inimigos domésticos e forasteiros. Apesar das dificuldades internas e externas, o desenvolvimento económico, cultural e social da Jugoslávia entre as duas conflagrações foi admirável, e o futuro reserva-lhe tarefas ainda maiores, que poderão ser realizadas sobre os alicerces do acordo serbo-croata de Agosto de 1939, e das justificadas reivindicações territoriais da Jugoslávia.

Mihailovitch declarou, em Novembro de 1941, que combatia «pela libertação da Pátria, pela recuperação da honra da bandeira jugoslava, para unir todos os povos sudoslavos numa grande Jugoslávia, por meio dum entendimento fraterno de sérvios,



croatas e eslovenos, nos alicerces dum respeito mútuo de todos os direitos nacionais e da ordem social, em benefício de todas as classes trabalhadoras da população.

Nada nos leva a crer que tenha renunciado, entretanto, a esses princípios ou que se tenha passado para o inimigo, como alguns pretendem. A tragédia da Jugoslávia é, no fundo, só uma: uns e outros ambicionam, apesar das suas diferentes idéias sociais, a mesma coisa.

Cometeram-se muitos erros no passado, que será preciso evitar no futuro. A resolução do problema não consiste em perguntar: Mihailovitch ou Tito? — mas em afirmar: Tito-Mihailovitch = liberdade da Jugoslávia da dominação estrangeira.

S. SCHMULEVITZ



# HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 27)

Mar Negro, enquanto as suas divisões blindadas e as suas esquadrilhas aéreas se acumulavam igualmente. De súbito, sem declaração de guerra e mesmo sem ultimato prévio, as bombas caíram do céu sobre as cidades russas e as tropas alemãs penetraram ao longo da fronteira da Rússia. Só uma hora mais tarde o embaixador alemão entregou, em Moscovo, a declaração de guerra do seu país à U. R. S. S.

Mais curioso é que, até pouco antes, esse diplomata multiplicara as garantias de amizade, quase de aliança, traduzindo assim as instruções que recebia do seu governo para as comunicar ao governo soviético. Essa atitude só se modificou, portanto, quando, em vez dessas garantias, ele teve de entregar na capital soviética uma declaração de guerra.

Assim se repetiu, mas desta vez numa escala incomparavelmente maior, o método que precedeu a invasão de tantos países do continente europeu, da Noruega e da Dinamarca, da Bélgica e da Holanda. Esse método, no caso da Grécia, foi exemplarmente imitado pelo aliado italiano do Reich.

Nesta parte do seu discurso, em nome da Grã-Bretanha, o seu Primeiro Ministro aceitava e defendia a tese do ataque não provocado posta no discurso proferido pelo Comissário do Povo, Molotov. Não rejeitava apenas a tese alemã, segundo a qual teriam sido as concentrações de tropas soviéticas ao longo da fronteira entre os dois países que tinham levado a Wehrmacht a actuar, fazendo uma guerra preventiva aos soviets. As consequências políticas e diplomáticas desta identidade afirmada entre o ponto de vista soviético e o ponto de vista britânico, sobre a responsabilidade da guerra germano-russa, não podia deixar de se traduzir por consequências imediatas as quais resultavam do resto do discurso importantíssimo que o sr. Churchill nessa altura proferiu.

## O AVISO À RÚSSIA

Esse discurso além da sua incontestável significação continha algumas revelações de incontestável interesse para a história.

«Nada disto, continuou o sr. Churchill, constituiu surpresa para mim. Eu próprio avisei Estaline do que ia acontecer. Avisei-o a ele, como anteriormente havia avisado vários outros chefes e dirigentes políticos. Resta-me esperar, quanto ao futuro, que estes avisos não tenham sido completamente inúteis.

Por agora sabemos que o povo russo defende o seu solo e que os seus chefes apelaram para ele, pedindo-lhe que resista até final. Não contente com a ocupação da maior parte do território da Europa continental, Hitler tem agora de levar os seus exércitos até os confins da Rússia e da Ásia. A máquina militar que nós e o resto do mundo civilizado tão insensatamente, tão loucamente consentimos que se fosse construindo dia a dia, hora a hora, não pode parar, sob pena de ficar enferrujada. Tem de estar em movimento continuo, tem de ser continuamente alimentada com carne e com gasolina.

Assim essa máquina tem de se lançar sobre campos mais vastos. Não é exa-

gerado dizer que a vida e a felicidade de milhões de vidas se encontram agora ameaçadas. Isto é o bastante para nos fazer suspender a respiração. Isto, que já seria bastante, não basta, porém. Há alguma coisa mais importante e mais imediata para nós, povos de língua inglesa, para a Inglaterra e para os Estados Unidos. Alguma coisa que directamente nos diz respeito e que precisamos, neste momento, tomar na devida consideração e encetar nas devidas proporções, como merece.»

O facto de Churchill falar, não apenas em nome da Grã-Bretanha mas igualmente em nome dos Estados Unidos nesta passagem do seu discurso de 22 de Junho, dá a entender claramente que a hipótese e a possibilidade duma intervenção russa no conflito haviam sido previamente encaradas pelos governos de Londres e Washington que nessas condições veriam confirmadas pelos factos as suas previsões.

## CHURCHIL E O COMUNISMO

Antes de prosseguir no seu discurso, acentuando a parte em que a entrada das tropas alemãs na Rússia afectava directamente a posição dos países anglo-saxónicos, o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha definiu assim a sua posição, perante o regime russo, que sempre combatera ardorosamente, quer como deputado da oposição, quer como ministro da Corôa:

«Ninguém mais do que eu se tem oposto, firmemente, ao comunismo nos últimos vinte cinco anos. Não renego, neste momento, uma só palavra do que disse a esse respeito durante tão longo período. Mas, aos meus olhos, tudo se desvanecce perante o espectáculo que vejo agora desenrolar-se. Esse espectáculo mostra-me os soldados russos, na fronteira da sua terra, guardando os campos que seus pais cultivaram, os lares que eles constituíram, as mães e as esposas que estão ao seu cuidado. Vejo os campos e as aldeias da Rússia, onde há crianças e onde há mulheres, sob o peso duma devastação inenarrável levada até os confins do território russo pela máquina militar alemã.»

Esta parte do discurso do Primeiro Ministro britânico advogava, igualmente a tese da guerra de defesa nacional característica da história russa a qual aparecia apresentada na alocação de Molotov como a razão fundamental pela qual o governo soviético pedia a cooperação inteira e total do povo russo pela luta que ia iniciar-se. Para o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, o aspecto da sua hostilidade de sempre, ao regime comunista e aos seus chefes, passava para segundo plano perante a realidade nova que trazia não apenas para a guerra e para a sua marcha, mas também para a evolução dos conceitos correntes e consagrados em política internacional, a entrada das tropas alemãs em território russo. Eram estes os fundamentos da orientação que a Grã-Bretanha, e com ela o Império Britânico, iam adoptar no momento em que, segundo a própria expressão empregada pelo seu Primeiro Ministro a luta iniciada na Europa em 1 de Setembro de 1939 ia entrar numa fase nova a qual correspondia, como as anteriores que apontara, a uma viragem de significação histórica.

Publicidade  
**TASSO**  
apresenta:

SAL DE MESA

*Mesalfin*



É um produto



Roupa alvíssima...

*Limpolina*



É um produto



Este  
**NATAL**

Seja amável...  
Seja gentil...  
Ofereça produtos

**SIPRODOL**

... sua esposa ficará encantada!

**PULMOBIL**

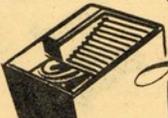
LIMPA-MOVEIS

É um produto



RECOMENDA-SE A

*Lexívia em pó*



É um produto



# A MAIS LINDA NOITE DE NATAL

UMA NOVELA DE JEAN BARROIS

A casa parece morta, coberta pela neve de um Dezembro particularmente frio. Todas as portas e postigos estão fechados. Nenhum barulho, tudo é silêncio à roda da casa de um só piso, entalada no flanco da colina, virada para o vale, bem para o sul. Jacquou aproxima-se. O seu passo é pesado e os pés enterram-se na neve. Ele tem medo. Medo de ser surpreendido. E, no entanto, a sua consciência, como o seu coração, está firme. Não quer fazer nada de mal — quer apenas saber. Porque, para lá das paredes vestidas de branco, passa-se um grande drama que lhe põe a cabeça à roda: Nicole está doente, muito doente mesmo...

Nicole, sim, a filha do Monsieur Philippe, do rico Monsieur Philippe, do dono de todas as terras à roda da região. E Nicole tem 18 anos, ela é linda como as virgens do altar, mesmo igual à que está no vitral grande da capela. De há alguns anos a esta parte, Jacquou só a vislumbra quando passava à sombra dos castanheiros, sobre a fita longa da estrada. Accena-lhe com os dedos, sorri despreocupada e grita-lhe de lá:

— Bom dia, Jacquou!...  
E Jacquou faz-se muito vermelho. Não se esquece de que, em pequeno, foi o seu companheiro de brincadeiras. Ah! como era bom, então, correr, pernas nhas, cabelos soltos no vento, pelos campos que bordam a ribeira! Não havia nenhuma noção das relatividades: Nicole era apenas uma menina e Jacquou um rapaz. Pronto, acabou-se.

Entretanto, ela era filha do homem mais rico da região e ele, coitado, era um pobre diabo. Os pais não tinham enriquecido, por mais que passassem a vida curvados sobre as geiras pouco francas.

E, depois, ela tinha partido para a cidade, enquanto ele ficara à espreita das férias que haviam de lhe devolver. Sempre que vinha, ele achava-a maior, mais bela e mais distante. Não que ela fôsse orgulhosa: a distância que os separava era ele que a tornava cada vez maior. Contentava-se com o olhá-la e vê-la. Ele compreendia bem tudo. Mas ele tinha vinte anos. E, então, o milagre realizava-se — mas só na sua imaginação. Agora, ela tinha regressado para as férias do Natal. Mas...

\*\*\*

Jacquou tinha um rosto magnífico, de cabelos anelados de jovem pastor grego, um corpo fino, uns ombros largos. Tinha um andar cadenciado e elegante, invulgar num homem de campo, e a cabeça trazia-a sempre bem erguida. As raparigas cobriam-no com atitudes levianas. Atravessavam-se sempre no seu caminho, quando passava na aldeia, mas ele nem reparava nelas, mesmo quando eram as mais lindas. Porque uma só vivia no seu coração — a única que o não podia escutar, a que era mais inacessível, porque um muro de dinheiro separava os seus caminhos.

Marie, essa pequena Marie que era a mais audaciosa e a mais apaixonada, tomara-lhe o caminho, uma vez que ele passava, de frente erguida e olhos postos no céu, com a jaqueta pelo ombro.

— Jacquou, preciso de te falar.  
Ele olhou-a sorridente e um pouco acanhado. Estava mesmo a ver que ela ia dizer-lhe coisas que só os rapazes — é a ordem — devem tomar a iniciativa de dizer às raparigas. Mas que havia, então, de fazer, se não era sua a culpa?

— Está bem, fala...  
— Bom, é que...  
Marie não sabia o que havia de dizer. De repente, atirou:

— Jacquou, se tu quisesses... Gosto de ti, tu comprendes...

— Eu também gosto de ti, Marie...  
Ela encostou-se muito a ele, com o rosto à altura do dele. Ofereceu-lhe os lábios mas Jacquou não correspondeu ao convite. Docemente, tomou-a nos braços e segurou-lhe a cabeça entre os dedos:

— Então, tu não acreditas que se possa gostar sem amor?

— Não, não é isso... Serei eu assim tão feia?  
— Mas nada disso, és linda, todos os rapazes se alvoroçam, quando te vêem.

Ela desprendeu-se-lhe dos braços.  
— Então, de quem gostas tu? Não há uma na aldeia uma que tu frequentes... Será verdade o que se diz?

Que Nicole Philippe é a dama dos teus sonhos? Mas ela faz troça de ti, meu pobre Jacquou...

Ele fez-se muito vermelho. Pela primeira vez o seu querido segredo lhe era lançado em rosto. E parecia-lhe agora que nunca mais poderia seguir com os olhos a sua sombra através das moitas, sem parecer a si próprio grotesco e ridiculo, marcado pela troça pública.

Marie fugiu, chorando de raiva. Ele ajeitou o casaco e continuou o seu caminho. Mas, pela primeira vez, caminhou de cabeça baixa e de olhos pregados no chão.

\*\*\*

Agora, ele-o rondando pela noite gelada esta casa onde a desgraça bateu. Deixou o lar aconchegado, onde crepita a fogueira com a cela do Natal e foi para saber a verdade. De repente, tinham-lhe dado a notícia. Havia visto o doutor chegar no seu «cabrioleto» que estava ainda parado à porta. As mãos noticiadas correm depressa. Sabia-se que, ao telefone, a voz de Monsieur Philippe tinha a aflição de alguém que pede socorro. Sabia-se que Nicole, bruscamente, se tinha queixado de um mal misterioso que progredia de momento a momento — um destes males fulminantes que estalam como o clarão de um relâmpago, sem se poder prever.

E Jacquou correu a casa dela...  
Por quê? Para quê? Não sabia. Um reflexo. Para estar lá, como os parentes dos marinheiros em perigo que se prostram à vista dos naufragos...

A casa é um poço de silêncio no meio da paisagem branca, onde não há cigarras a cantar. Jacquou não tem coragem de se mexer. É preciso que, com algum gesto mais desastrado, ele não vá acordar os maus espíritos. Espera como que um sinal que há-de vir do interior, o presságio da sua presença, da sua vida — a sombra de Marie, a velha ama de Nicole e que vai, talvez, entrevir algum postigo. Ele conhecia-a bem, a velha Marie: ela tinha sem-

pre que raihar, quando Nicole regressava, com as pernas esfoladas e os vestidos amanchucados. Mas tudo isso passou. Hoje Jacquou é um rapaz inteligente e bom e Marthe estima-o muito.

De repente, a porta abre-se. Jacquou vê-se, sem saber como, diante de dois homens que franqueiam a saída da casa: é o médico e o pai.

— Ah! Jacquou, foi o céu que te enviou! Tenho que ir a Cahors levar o Doutor. Tem paciência, fica com Marthe.

Jacquou nem acredita no que ouve. Estava com medo de ser apanhado em falta e dizem-lhe: «é o céu que te enviou». Pedem-lhe que fique, têm necessidade dele...

M. Philippe correu para a garagem. Pôs em movimento o pesado carro que desiluiu pela estrada.

Diante da porta, está só o pequeno «cabrioleto» do médico, inútil e ridiculo. Jacquou entra em casa, em bicos do pé e vai encontrar Marthe desfeita em lágrimas:

— Ah! Jacquou, Jacquou, queira Deus que eles venham a tempo!...

Jacquou afastou-se para um ângulo sombrio e escuro do quarto. Na penumbra, bem distingue a mancha clara do leito. Sente-se desamparado e incapaz de tudo. Quereria empregar a sua força contra este mal — mas que poderia aqueles braços fortes e jovens contra a febre, contra aquela respiração ofegante?

Marthe e Jacquou esperam sem dizer palavra, de punhos crispados. Os minutos parecem-lhes horas. Depois, ficam-se para ali, esquecidos do tempo, imóveis e calados.

Bruscamente, ambos estremecem. A campainha do telefone soa com um ruído aflitivo para quem vive de aflições.

Marthe corre. E volta mais pálida ainda:

— É o farmacêutico de Cahors. Depois do senhor e do médico partirem, deu conta de que lhes entregou dois frascos. Num vem um veneno que pode matar de repente. Disse-me o nome... esqueci-me. Estava com medo de que fôsse já tarde demais... Felizmente, trazem rótulo.

\*\*\*

... E, de novo, é aquela espera aflitiva. Em pensamento, ambos seguem o carro pela estrada, gaingando quilómetros vertiginosamente. E ambos fazem votos por que não haja desastre. A vida de Nicole pode depender de um manejo errado do volante, de um pneu que se fure...

Mas, eis que se ouve o barulho do carro e, depois, os passos rápidos dos dois homens. Marthe precipita-se. Transmite ao médico o engano do farmacêutico e o Doutor tira do bolso os dois frascos.

Mas os rótulos, colados de fresco, desprendem-se!

Eis que o médico tem nas mãos a vida e a morte de Nicole. Mas qual dos frascos é a morte? Onde está a vida?

(Continua na pág. 24)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 2.5844